

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO**

Vânia Aparecida de Paula Silva

**TRILHA SONORA EM NOVELAS: A PONTE SEGURA PARA O SUCESSO DAS
CANTORAS JUIZFORANAS**

**Juiz de Fora
Julho de 2015**

Vânia Aparecida de Paula Silva

**TRILHA SONORA EM NOVELAS: A PONTE SEGURA PARA O SUCESSO DAS
CANTORAS JUIZFORANAS**

Monografia apresentada ao curso de Comunicação Social, Jornalismo, da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito para obtenção do grau de bacharel.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Cristina
Brandão de Faria

Juiz de Fora
Julho de 2015

Vânia Aparecida de Paula Silva

Trilha sonora em novelas: A ponte segura para o sucesso das cantoras juizforanas

Monografia apresentada ao curso de Comunicação Social – Jornalismo, da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora, para obtenção do grau de bacharel.

Orientador: Profa. Dra. Maria Cristina Faria Brandão (FACOM/UFJF)

Aprovado (a) pela banca composta pelos seguintes membros:

Profa. Dra. Maria Cristina Brandão Faria (UFJF) - orientadora

Prof. Dr. Márcio de Oliveira Guerra (UFJF) - convidado

Prof. Dr. Paulo Roberto Figueira Leal (UFJF) – convidado

Juiz de Fora, ____ de _____ de 20 ____.

Dedico esse trabalho aos meus pais, a minha irmã, aos meus familiares em especial ao meu avô José de Paula (*in memoriam*), aos meus amigos e a todos os noveleiros, músicos e cantores que me inspiram.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus pelo dom da vida. A Jesus Cristo, meu salvador, que sempre está comigo e, principalmente, ouviu meus lamentos, me consolou e me fortaleceu neste período completamente desafiador pra mim. À Nossa Senhora pela poderosa intercessão.

Aos meus pais, Valéria e Marcos, por serem as maiores referências de como ser uma pessoa guerreira e batalhadora, e a não fugir da luta porque a vitória é certa. À minha irmã Daniela, pela força que me deu e ser meu desafio diário para me tornar uma bela referência para ela.

À minha avó Sebastiana pelo amor; obrigado meu vovô Sebastião, por ser exemplo de fé e generosidade; ao meu padrinho Jésus pela confiança, carinho, e por ter me presenteado com meu notebook, companheiro para todas as horas. Aos tios, tias, primos e primas pela torcida e alegrias que me dão.

O meu muito obrigado para uma galera que foi a inspiração e o motivo para eu decidir, no ano de 2009, querer cursar Comunicação Social: o humorista Marcelo Adnet e o elenco do CQC: Marcelo Tás, Marco Luque, Rafinha Bastos, Oscar Filho, Rafael Cortez, Warley Santanna, Felipe Andreoli e Danilo Gentili.

Aos meus companheiros de turma da Facom, pelos momentos felizes e inesquecíveis, em especial à minha queridíssima amiga Laís Cerqueira, por ter me ajudado pacientemente na revisão dos textos. Meus companheiros da Produtora de Mídias, pelos apertos que passamos juntos, pela amizade, companheirismo e o maior aprendizado: de que o trabalho só dá certo quando é feito em equipe.

Agradeço também a algumas professoras queridíssimas deixaram minha trajetória no curso ganhar mais brilho, e fizeram com que eu acreditasse mais na minha capacidade: Márcia Falabella, Paula Faria, Lara Linhalis, Fernanda Sanglard, Marise Baesso, Cláudia Thomé e Renata Vargas, o meu muito obrigado.

Finalmente agradeço aos professores da banca: à querida professora Cristina Brandão, por ter aceitado me orientar nesse trabalho insano de monografar, escrevendo sobre os dois assuntos que mais amo: novela e música. Obrigado pelas correções, conversas agradáveis e ensinamentos. Aos queridíssimos mestres Márcio Guerra e Paulo Roberto, por mostrarem que ser professor é muito mais do que dar matéria ou passar slides; o modo como tratam os alunos e passam o saber de vocês para os estudantes fizeram com que conquistassem minha profunda admiração.

Obrigada a todos os amigos que fiz ao longo da vida, tanto da escola, da igreja ou das ocasiões informais, que acreditaram em mim e me apoiaram em vários momentos. Aos amigos e pessoas que não acreditaram na realização desse sonho, o meu agradecimento. Sei que essa vitória é só o começo de uma linda, brilhante e graciosa carreira! Glória a Deus!

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso que será apresentado, abordará a história sobre as trilhas sonoras em novelas e sua importância na divulgação do trabalho da carreira de seus intérpretes. Os objetos de estudo serão as cantoras Ana Carolina e Myllena em uma detalhada análise sobre a trajetória das intérpretes, desde os fatores que antecederam suas músicas na primeira inserção em novelas, a repercussão das canções e os desdobramentos na carreira das cantoras.

Palavras-chave: Novela. Trilha Sonora. Ana Carolina. Myllena.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	09
2 A FICÇÃO NOS MEIOS ELETRÔNICOS.....	13
2.1 A TRANSIÇÃO DO GÊNERO PARA A TV	16
2.2 TEATRO CÁSSIO MUNIZ E GRANDE TEATRO TUPI	17
2.3 A TELENOVELA PASSA A SER DIÁRIA	18
3 A TELEVISÃO COMO DIVULGADORA DE UM PRODUTO	25
3.1 PRODUTOS CULTURAIS.....	27
3.2 TELENOVELA DIVULGA COMPORTAMENTO	30
4 A INSERÇÃO DA MÚSICA NA TELENOVELA.....	33
4.1 CRIAÇÃO DA SOM LIVRE E A NOVA FORMA DE SE FAZER TRILHA.....	36
4.2 TRILHA NACIONAL X TRILHA INTERNACIONAL	39
4.3 PECADO CAPITAL: VENDAGEM SURPREENDENTE DA TRILHA NACIONAL .	41
4.4 ANOS 1990 E 2000: MUDANÇA NA INDÚSTRIA FONOGRÁFICA	49
4.5 A TELENOVELA PROMOVE ASCENSÃO DE CANTORES	52
5 AS CANTORAS DE JUIZ DE FORA E SUAS PROJEÇÕES NA TELENOVELA... 	55
5.1 ANA CAROLINA.....	55
5.2 MYLLENA.....	62
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	65
REFERÊNCIAS	69
ANEXOS	73
ANEXO A – ENTREVISTA COM MAURO ALENCAR.....	73
ANEXO B – ENTREVISTA COM A CANTORA MYLLENA	76

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho a ser apresentado é um estudo de caso sobre as cantoras Ana Carolina e Myllena, abordando o impacto que suas músicas tiveram através da utilização nas telenovelas. Também será aprofundada através de inúmeros exemplos, a relação entre música e novela com o intuito de analisar como essa parceria ajuda na divulgação – no caso de o intérprete ser desconhecido do grande público – ou consolidação da carreira de vários cantores, bandas e músicos, sendo estes grandes nomes da música brasileira, independente de seu estilo musical.

Para a formação profissional de um comunicador e jornalista, entender o funcionamento da indústria fonográfica e aprofundar os estudos sobre a relação da novela e da música, que são produtos consumidos pela maioria dos brasileiros e assuntos sempre comentados em redes sociais e rodas informais de amigos, são formas de compreender um pouco da história cultural do país.

No primeiro capítulo, veremos a história do gênero novela nos meios eletrônicos, primeiramente no rádio e depois na televisão. O rádio foi um poderoso meio de comunicação e no Brasil teve seu auge nas décadas de 1930 e 1940, na chamada Era Vargas. A primeira radionovela transmitida no país foi *Em Busca da Felicidade*, em 1941, pela Radio Nacional, alcançando grande sucesso. Dez anos depois, em 1951, seria transmitida a radionovela de maior sucesso no país: *O Direito de Nascer*, adaptação de Eurico Blanco para o texto cubano de Félix Cagnet, transmitida pela Radio Nacional.

Discorreremos também sobre o fato de que, no mesmo ano, estreava pela TV Tupi a primeira telenovela brasileira: *Sua Vida Me Pertence*, de Walter Foster. Doze anos depois, é exibida pela TV Excelsior a primeira telenovela diária, *2-5499 Ocupado*. Em 1968, na TV Tupi, iria ao ar a telenovela que mudou o conceito de como produzir e narrar novelas: *Beto Rockfeller*, de Bráulio Pedroso. O modo como a TV foi se aperfeiçoando ao longo das décadas iniciais, em paralelo com o avanço da tecnologia, principalmente com a chegada do videotape, teve reflexo em um dos seus principais produtos: a telenovela.

O segundo capítulo mostra a telenovela como produto de consumo. A média de duração das narrativas é de oito meses. Neste período, a telenovela já é capaz de ditar modas, costumes, discussões e debates, causando média ou grande repercussão, decorrente de uma série de fatores. Dentro de todas as tendências que ela lança, uma das mais importantes são as músicas, que é o foco deste trabalho.

A partir do momento em que a telenovela foi se consolidando, a TV Globo, com seu aparato tecnológico, modelou o “padrão Globo de qualidade” e fez com que os grandes executivos da emissora quisessem ver resultados expressivos, inclusive na vendagem de discos. Essa relação com a música se estreitou, e tanto a emissora quanto os músicos se beneficiaram com essa parceria. Tudo o que as tramas apresentavam tinham repercussões, e não era diferente com as suas trilhas. Elas podem aparecer na abertura, ser de algum personagem ou usada na passagem de cenas.

A frequência com que as músicas são executadas nas tramas é um dos fatores que podem torná-las conhecidas. Quem está interpretando a canção é outro fator relevante. Sendo o cantor iniciante ou não, a chance de a canção ser lembrada é maior quando a música pertence à abertura ou a um personagem de grande destaque da trama.

No terceiro capítulo abordaremos de forma detalhada as histórias das primeiras trilhas e seleções musicais, que em um primeiro momento eram feitas de forma despreziosa e até mesmo aleatória, mas, com a criação da gravadora “Som Livre” em 1972, que estabeleceu como objetivo lançar as trilhas sonoras das telenovelas da TV Globo, houve o rompimento com amadorismo, dando lugar ao profissionalismo. Isso desencadeou a realização de álbuns feitos especificamente para as novelas e, depois, músicas que seriam lançadas para estarem na novela. Os destaques dessa época são as trilhas sonoras de *Gabriela* (1975) e *Pecado Capital* (1975).

Dentre os artistas que frequentemente estão em trilha sonoras estão Rita Lee, Caetano Veloso, Djavan, Marisa Monte e Roupas Nova. Estes últimos são recordistas de trilha sonora na TV Globo, somando mais de 30 canções. Estes grandes nomes da música nacional tiveram suas carreiras, em algum ou mais de um momento, influenciadas por algumas de suas canções executadas em tramas. No caso dos três últimos citados, todos se tornaram notórios devido às canções interpretadas por eles estarem em novelas: Djavan, no ano 1975, com a música “Alegre Menina” na novela *Gabriela*; Marisa Monte, em 1989, com a música “Bem Que Se Quis” em *O Salvador da Pátria*; Roupas Nova, em 1980, com “Canção de Verão” em *Três Marias*.

Como o assunto novela e música ainda é pouco estudado no meio acadêmico, constantemente dois títulos aparecerão sempre como referência: o livro do maestro Rafael Righini, intitulado “A trilha Sonora da telenovela Brasileira – Da criação à finalização”, e “Teletema – A história da música popular através da teledramaturgia brasileira”, de Guilherme Bryan e Vicent Villari.

O objeto de estudo será a análise das carreiras das cantoras Ana Carolina e Myllena. A escolha foi feita porque as duas têm dois fatores em comum: começaram as carreiras na cidade de Juiz de Fora, interior de Minas Gerais, e suas primeiras músicas que participaram da trilha de telenovelas foi na TV Globo, em novelas do horário de sete da noite: Ana Carolina, em 1999, com a música “Garganta” na novela *Andando nas nuvens*, e Myllena, em 2009, com a música “Quando” na novela *Caras e Bocas*. O trabalho analisará a inserção e o modo como essas músicas foram utilizadas nas tramas, além dos desdobramentos que isto gerou nas carreiras das cantoras.

2 A FICÇÃO NOS MEIOS ELETRÔNICOS

No início da década de 1940, o rádio era um meio de comunicação que estava se consolidando no Brasil, e o fator decisivo nessa consolidação foi o então presidente Getúlio Vargas ter permitido a publicidade no veículo (MENEGUEL; PEREIRA). A partir daí, os investimentos de anunciantes na sua programação foram se tornando cada vez mais frequentes, fazendo do rádio o maior veículo de comunicação de massa deste período.

Consequentemente, começa a se investir nas programações, e as grandes emissoras radiofônicas, como a Rádio Nacional no Rio de Janeiro e Rádio São Paulo na capital paulista, são as mais beneficiadas. As patrocinadoras, que no início eram pequenas lojas de varejos, foram dando lugar a grandes empresas de grandes agências de publicidade com o faturamento superior ao da emissora (Ortiz, 1991), fazendo com que as programações se tornassem cada vez mais atraentes aos ouvintes.

É nesse contexto que surge a radionovela, no momento em que a indústria estava se expandindo juntamente com a chegada da modernidade. O rádio, como grande veículo de comunicação, obtém um papel de extrema importância na vida dos brasileiros, uma vez que coloca o cidadão em contato com os acontecimentos relacionados a elementos como a cultura, a política e a economia do país e do mundo, tudo isso através de música, noticiários e também pela fantasia dos melodramas com as radionovelas (Figueiredo, 2003). A ideia deste gênero ser emitido na rádio foi do dramaturgo Oduvaldo Viana, então diretor artístico da Rádio São Paulo. Após um breve período morando na Argentina, onde trabalhou como dramaturgo e escreveu novelas, ele teve a percepção do sucesso do gênero nas emissoras de Buenos Aires. De volta ao Brasil, ofereceu as novelas que escreveu na Argentina para diversas emissoras brasileiras; a única que aceitou foi a Rádio Nacional (Calabre, 2007).

No ano de 1941, são lançadas duas novelas: *A predestinada*, pela Rádio São Paulo, e *Em Busca da Felicidade*, na Rádio Nacional (Ortiz, 1991). O formato, cheio de melodramas e outros enredos envolventes, serviu para uma ampliação de um público até então despercebido e não muito visado: o público feminino.

Waldir Wey nos conta de onde veio a iniciativa de apresentá-la no rádio: “Veja só, Mr. Penn para sua linha de produto disse: Vamos atingir a mulher de qualquer maneira. Chamou Gilberto Martins e mandou-o adaptar a novela cubana *Em busca da Felicidade*, que foi parada de sucesso no Brasil inteiro. (ORTIZ, 1991, p. 26)

Em Busca da Felicidade é uma novela de texto cubano do autor Leonardo Blanco, adaptada e traduzida por Gilberto Martins. Foi patrocinada pela Colgate-Palmolive, estreou no dia cinco de junho e era exibida às segundas, quartas e sextas, no horário de dez e meia da noite. O enredo era o drama de um casal de classe média alta, pais de uma filha de criação que, na verdade, era fruto da relação extraconjugal do marido com a empregada. Em um certo momento da trama, a menina descobre a real história e decide morar com a mãe. Já a mulher separa-se do marido e resolve morar no exterior, onde acaba sofrendo um acidente. A filha, por sua vez, apaixona-se por um rapaz e, quando decidem se casar, ele morre em um acidente de carro. E assim vai se sucedendo a trama: com os personagens que, quando estão perto de alcançar algo que almejam, se veem envolvidos numa tragédia que os impossibilitam de viver feliz – por isso o título da novela.

O elenco contou com os atores Rodolfo Fayer, Brandão Filho, Isis de Oliveira, Lourdes Mayer, Floriano Faissal, Amaral Gurgel, Luis Tito, Alda Verona, Flora May, Zezé Fonseca, Francisco Moreno, Paulo Ferraz, Heber de Boscoli, Iara Sales, Saint-Clair Lopes e Silvio Silva. Contava também com a direção de Vitor Costa. Em entrevista¹, o radioator Gerdal dos Santos afirmou que, no princípio, o elenco desacreditava no sucesso da trama por conta do horário de transmissão, mas foi surpreendido pelo sucesso.

Em busca da felicidade, que ninguém acreditava que ia fazer sucesso porque era de manhã, e como é que era? A pessoa dona de casa que tá trabalhando vai ouvir a novela? Mas aconteceu o contrário, foi um sucesso tão grande essa novela que todas as outras emissoras do Brasil seguiram os passos da radio nacional. (GERDAL DOS SANTOS, 2014)

Ela deu altos índices de audiência e ficou no ar por dois anos, até maio de 1943, totalizando 284 capítulos. Ortiz afirma que a radionovela seguiu os mesmos caminhos que outros países da América Latina, onde o sucesso era imediato havendo aumento abrupto do gênero no país.

Entre 1943 e 1945, foram transmitidas 116 novelas pela Rádio Nacional, num total de 2.985 capítulos. A Rádio São Paulo, que se especializou no gênero, tinha novelas nos três períodos, chegando a ter no ar, diariamente, nove novelas no horário diurno. As estórias produzidas em São Paulo e Rio de Janeiro eram ainda gravadas e distribuídas em todo o país. (ORTIZ, 1991, p. 27)

¹ DOCUMENTÁRIO de radionovelas. São Paulo: Faculdades Integradas Rio Branco, 2014. Son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6Jsdx8_rAFU>. Acesso em: 27 mai. 2015.

Os aparelhos de rádio se tornaram cada vez mais acessíveis às classes populares e, conseqüentemente, o gênero novela se consolidou nas massas, transformando-se em um “fenômeno generalizado” (MENEGUEL; PEREIRA). Segundo os mesmos autores, as radionovelas e seus tramas envolventes exerciam grande poder de influenciar seus ouvintes em seu cotidiano e, com isso, geralmente ocupavam os melhores horários nas transmissões. Estima-se que a Rádio Nacional, entre os anos de 1943 a 1955, transmitiu quase 12 mil horas de novelas no ar, mais precisamente 11.756 horas (BORELLI E MIRA, 1982). Esse período ficou conhecido com “A era de ouro da rádio”.

A atriz aposentada Vida Alves em uma entrevista conta como eram gravadas as cenas nas radionovelas:

Então eram feitos três ensaios a cada capítulo. Um ensaio de mesa, todo o elenco recebia seu script no papel mimeografado, copiado, e aí ele ficava na ponta mesa e cada um lia o seu papel. O segundo ensaio era feito com a técnica, ele ficava dentro da técnica com o operador de som. Os atores ficavam no estúdio em volta de microfones presos do alto, tinham dois ou três microfones, cinco ou seis atores em volta lendo o script. Quando terminava (o ensaio) ele saía do estúdio e quem tivesse errado alguma coisa o interpretado mal ele convidava para um terceiro ensaio na sala particular dele. (DOCUMENTÁRIO RADIONOVELAS, 2014)

Outra radioatriz, Daisy Lúcedi (2014), também na mesma entrevista relata como já naquela época era o relacionamento com os ouvintes: “O público respondia muito através de cartas, telefonemas, idas ao rádio e a gente tinha aquela emoção do grande espetáculo que a gente tava representando”.

Já em 1951, foi ao ar a novela de maior audiência da história do rádio na América Latina: *O Direto de Nascer*. Seu texto, também de origem cubana e escrito por Félix Cagnet, foi adaptado e traduzido por Eurico Silva. Seu enredo é sobre uma jovem que engravida do noivo e, diante da recusa do rapaz em assumir o filho, torna-se mãe solteira. A criança seria alvo do ódio do avô materno. Após o nascimento da criança e temendo as represálias do velho, a mãe foge com o bebê. Depois deste fato, que a entristece, a jovem mãe se recolhe a um convento e passa a atender por outro nome. Sempre fugindo, ela cria o menino. O destino o leva de volta à família que o desconhece, para desespero da mãe. Ele se apaixona, sem saber, por sua prima, e acaba salvando a vida do avô que o amaldiçoou no passado.

O elenco era formado pelos atores Paulo Gracindo, Nélio Pinheiro, Iara Sales, Talita de Miranda, Dulce Martins, entre outros profissionais. A novela ficou ao ar por quase três anos, tempo em que foi transmitida por 314 capítulos. *O Direto de Nascer* superou principalmente as expectativas dos críticos, que afirmavam contrariando o que se ouvia nas

rádios, que o gênero radioteatro estava em decadência e que os ouvintes brasileiros não se importavam com tramas muito longas (Calabre, 2007).

2.1 A TRANSIÇÃO DO GÊNERO PARA A TV

A primeira emissora de TV do país, a TV Tupi, foi inaugurada no ano de 1950 pelos Diários Associados, o empresariado cujo dono era Assis Chateaubriand, uma das figuras públicas mais notórias do Brasil. Com isso, surgem as primeiras experiências com o novo veículo.

Entende-se que a primeira telenovela totalmente brasileira, ou seja, uma produção que não foi derivada da adaptação de uma obra estrangeira ou tradução de algum texto outro em outro idioma, foi *Sua Vida Me Pertence*, de Walter Foster. Ela foi ao ar em 1951, na TV Tupi de São Paulo. Além de ser marcada como a primeira telenovela a ser produzida e exibida no Brasil, foi também a primeira a exibir um beijo. Seu enredo era sobre uma moça que estava apaixonada por um homem que a desdenhava. O beijo, exibido no último capítulo, foi protagonizado por Vida Alves e Walter Foster. Além deles, no elenco também estavam Lia de Aguiar, Tânia Amaral, José Parisi, Astrogildo Filho, Dionísio Azevedo e Lima Duarte.

Ainda na década de 1950, inúmeros textos foram exibidos e cada telenovela ia ao ar ao vivo, duas vezes por semana, com cada capítulo tendo, em média, vinte minutos de duração. Isso era justificado porque o aparelho era uma aquisição recente para o país, e seus profissionais não tinham um conhecimento seguro de como explorar esse novo meio (Ortiz, 1991).

Por causa da forte tradição radiofônica, os profissionais, em especial os atores, tiveram grandes dificuldades em se adaptar ao novo meio. Acostumados a ler os textos, eles passaram por impasses para decorar os scripts, além de geralmente possuir uma péssima expressão corporal; eram comuns casos em que a locução do narrador saía perfeita, mas o modo como se expressavam corporalmente estava em desacordo com o que estava sendo encenado.

Nas telenovelas, ainda havia o papel do narrador que apresentava e descrevia os personagens. Com isso, muitos críticos da época consideravam a telenovela como uma “espécie de rádio com imagens” (Ortiz, 1991).

Mesmo com esses contras, os fatores positivos sobressaíam aos desajustes. As peculiaridades que caracterizam o rádio foram fontes inacabáveis de referência para a telenovela, como a predominância do gênero de melodrama. Entende-se por melodrama não

um enredo “água-com-açúcar”, considerado meloso e piegas, mas sim um significado mais profundo, como o que encontramos ao destrinchar a etimologia da palavra: “melodrama” tem origem na língua grega, na qual “melo” significa música – como na palavra melodia, por exemplo – e “drama” remete à “ação” e, desde seu uso primórdio, foi usada para se referir à arte da atuação, especialmente a teatral. Um drama seria, então, a descrição ou encenação de um desencadeamento de acontecimentos. Portanto, “melodrama” significa ópera teatral musicada ou ainda um drama musical (Calza, 1996).

Os melodramas originários dos autores de radionovelas da América Latina em nada tinham a ver com os chamados teatros, constituídos de uma linguagem mais cinematográfica e literária dos grandes clássicos mundiais da dramaturgia, e que também eram televisionados. Os teatros na TV duravam duas horas ou mais, tempo suficiente para apresentar uma peça no palco. (Calabre, 2007).

2.2 TEATRO CÁSSIO MUNIZ E GRANDE TEATRO TUPI

O “Grande teatro Tupi”, criado em 1951, teve sua origem na PRF-3 TV Tupi de São Paulo, onde algumas companhias e grupos teatrais esporadicamente se apresentavam (Brandão, 2005). As telepeças iam ao ar todas as segundas-feiras com os grandes nomes do teatro da época: Fernanda Montenegro, Procópio Ferreira, Cacilda Becker e Maria Della Costa, por exemplo. A diferença básica entre o teatro e teleteatro se fundamentava na adaptação de textos para o vídeo. Havia uma preocupação da parte técnica de o teleteatro ter uma qualidade de filmagem e parecer menos teatral, tendo como referência a linguagem cinematográfica (Ortiz, 1991, p. 43).

No início, traziam-se apenas espetáculos que se encontravam em cartaz na cidade ou eram recém-saídos dos palcos. Pode-se dizer que era uma simples transferência de qualquer espetáculo para os estúdios de TV utilizando em alguns casos, inclusive, seu cenário original (Brandão, 2005). Mas isso foi mudando, e cada equipe de teleteatro passou a se integrar ao meio e criar sua própria linguagem televisiva e mais distanciada do teatral.

Brandão (2005) ainda afirma que o Grande Teatro Tupi se caracterizou por ser um modo que o pessoal do teatro criou para funcionar como uma espécie de ilha dentro da programação da TV, um nicho, algo restrito a um pequeno grupo estranho à televisão devido ao seu formato, ainda que fosse feito o possível para que o teleteatro tivesse uma linguagem mais compatível com a TV. A falta de tempo necessária para grandes ajustes do formato

teatral para o televisivo, além de interpretações que ignoravam os aparatos televisivos, como o microfone, fez o teleteatro ser considerado pela crítica apenas como um teatro filmado.

Mas mesmo com esses contratemplos, o teleteatro introduziu uma visão diferente no meio televisivo, demonstrando que a programação da TV poderia ir além do puro divertimento ou maximização da audiência, podendo trazer uma preocupação cultural e um prestígio nas adaptações de grandes obras literárias, algo que programas como humorísticos e as próprias novelas não traziam. Com isso, o teleteatro foi se tornando um produto valorizado de grande prestígio nas grades das emissoras, sendo o cartão de visita das empresas (Ortiz, 1991, p.44).

Ortiz (1991) ainda cita os espetáculos encenados ao longo dos quase vinte anos que o teleteatro permaneceu no ar (1952-1967). Entre eles estão “Otelo”, “Macbeth” e “Hamlet”, de Shakespeare; “Ralé” de Máximo Gorki, “A carta” de Somerset Maugham”, “Henrique IV” de Pirandello, entre outras peças dirigidas ou encenadas por futuros grandes nomes da TV e teatro, como Flávio Rangel, Antunes Filho e Sérgio Britto.

Porém, com o crescimento das telenovelas e, principalmente, o produto se tornando diário e popular, o teleteatro entrou em declínio. Em 1967, a Tupi retira do ar o programa “TV de Vanguarda”, encerrando o ciclo do teleteatro e dando início à era da hegemonia da telenovela (Ortiz, 1991).

O declínio do Teleteatro se deve à industrialização da televisão. Porque antes era um artesanato, ninguém sabia bem no que aquilo ia dar. De repente, o minuto começou a valer muito, a organização comercial da televisão começou a se estruturar mesmo. Até que começou a ter uma programação servindo aos espaços comerciais (...). Um teleteatro hoje em dia custaria uma fortuna (...). E não tem retorno (...). Naquela época era uma televisão artesanal, não industrial. (MONTENEGRO apud BRANDÃO, 2005, p.195)

Em paralelo ao desaparecimento dos teleteatros, a telenovela ia se profissionalizando juntamente com a televisão, tendo um processo gradual de consolidação.

2.3 A TELENOVELA PASSA A SER DIÁRIA

Após 13 anos da inauguração da TV Tupi em São Paulo, a telenovela torna-se a ser exibida diariamente – mas não por essa emissora, e sim pela TV Excelsior, que investiu na sua profissionalização, estabeleceu uma programação fixa para os telespectadores e até mesmo contratou membros de demais emissoras, desde técnicos até atores, diretores e produtores, setorizando suas funções. Dessa forma, adotou-se uma nova forma de se

relacionar com o meio artístico. E as telenovelas não passaram despercebidas em meio a essas importantes mudanças.

Até 1963, o gênero estava em um processo de adaptação devido ao fato de que todos os envolvidos estarem acostumados com as radionovelas e com o modo com que eram feitas, tanto esteticamente como tecnicamente. Na época, a televisão ainda era uma novidade.

A chegada do videotape durante este mesmo período possibilitou uma maior facilidade na produção das novelas, como a praticidade de poder montar os cenários e gravar um capítulo inteiro da trama em um dia. Em consequência deste avanço tecnológico, a novela tornar-se diária seria algo que aconteceria em pouco tempo.

2-5499 Ocupado, primeira telenovela exibida diariamente na TV Excelsior, não foi um grande sucesso de audiência no início devido ao estranhamento dos telespectadores à sua exibição diária. “Ninguém aceitou nem entendeu. Era mais uma tentativa. Melhor que desenho animado. Porém a partir de sessenta dias, a coisa começou a se cristalizar” (Edson Leite apud Ortiz, 1991, p.61).

A trama da novela era a história de uma presidiária que trabalhava como telefonista do presídio. Um homem se apaixona por sua voz sem saber a real condição da moça. A novela teve três meses de duração e o casal protagonista era vivido pelos atores Tarcísio Meira e Glória Menezes. Além deles, também atuaram na trama o ator Gilberto Salvio e as atrizes Dinah Ribeiro, Maria Aparecida Alves, Lídia Costa, Neuza Amaral, Célia Coutinho e Lolita Rodrigues.

No ano seguinte, em 1964, veio a consolidação da novela na TV com a mesma trama que fez um estrondoso sucesso na rádio: *O Direito de Nascer*. A trama, exibida na TV Tupi São Paulo e sendo adaptada dessa vez por Talma de Oliveira e Teixeira Filho, acabou por fazer o mesmo sucesso do que quando foi transmitida pela rádio. O enredo original não foi modificado. Por isso, *O Direito de Nascer* foi a primeira telenovela a ter uma história envolvendo o mistério do nascimento, fato que mexeu com o imaginário dos telespectadores. “Foi se tornando hábito ter novela todo dia e as donas de casa sabiam que todo dia às 08 da noite tinha novela, passou a fazer parte da rotina como todo dia fazer almoço e levar criança pra escola. No ano seguinte as opiniões convergem” (ORTIZ, 1991, p. 61).

Segundo o cronista da Revista do Rádio, Borelli Filho, a trama era como uma “doce epidemia”:

Os senhores dirão que estamos exagerando, mas verdade é que as novelas em TV, por obra não se sabe do que, viraram epidemia neste país(...) famílias inteiras se postam diante do televisor e acompanham , do neto ao avô, aqueles episódios de

folhetim eletrônico. Em consequência alteram-se os hábitos seculares de famílias quatrocentonas. O jantar, servido antigamente às 20h,desceu para às 17, porque pouco depois começarão os romances seriados na TV. (BORELLI FILHO apud ORTIZ, 1991, p. 62).

A partir desse momento, as novelas começaram a cair no gosto popular e tornaram-se um forte produto nas grades das grandes emissoras do país. No início, suas tramas seguiam o modelo de roteiros estrangeiros e os principais autores eram nomes que vinham das radionovelas, como Oduvaldo Viana e Ivani Ribeiro.

Em 1965, surgiu a emissora que se tornaria a maior produtora e exportadora do gênero e campeã de audiência, responsável pela criação de um novo padrão de qualidade de técnica e produção da telenovela no país: A Rede Globo.

A partir de sua criação, em abril deste mesmo ano houve uma padronização das tramas porque as produções muitas vezes se perdiam nas histórias. Por exemplo, o número de capítulos variava de uma para outra, e uma novela poderia ter uma duração de 30 a 50 capítulos, enquanto outras tinham 150 a 200 capítulos, até casos extremos como foi a novela “Redenção”, que contabilizou 596 capítulos (Ortiz, 1991). Com isso, todos os envolvidos na produção ficariam sobrecarregados e, principalmente, a trama se distanciaria do rumo inicial, se perdendo e se tornando cansativa e repetitiva.

Ortiz (1991) ainda destaca que, devido ao desconhecimento de aceitação do público sobre as faixas de horário, antes da implantação da Rede Globo as emissoras não tinham um discernimento de qual trama seria exibida em determinados horários, um objetivo que foi então estabelecido para melhorar e garantir uma boa audiência e a sua eficácia em atingir os telespectadores.

Tanto nas radionovelas quanto nas primeiras telenovelas, a maioria de seus enredos, além de serem adaptações de textos estrangeiros ou de obras literárias como “Os miseráveis” de Victor Hugo, também continham amores mal resolvidos, proibidos, cheios de romance. Essa forma, entretanto, seria substituída por algo mais próximo do espectador.

No final da década de 1960, com a telenovela se tornando gradativamente parte da vida dos brasileiros com tramas clássicas, “as emissoras eram dependentes das patrocinadoras, em última instância, cabia a estas definir o formato da narrativa a ser apresentada para o público” (Ortiz, 1991).

Mesmo nesse contexto, surgiu uma trama diferente, que foi de “suma importância para a história da teledramaturgia brasileira” (BRANDÃO; FERNANDES, 2005). O folhetim

que iria revolucionar o modo de se fazer novela no país, nos sentidos dramaturgicos e televisivos, estreou em novembro de 1968, na TV Tupi: a novela *Beto Rockfeller*.

Com criação original de Cassiano Gabus Mendes e escrita por Bráulio Pedroso, foi exibida no horário das oito da noite, ficou um ano no ar e teve, ao todo, 230 capítulos. Foi dirigida por Lima Duarte e Walter Avancini. O personagem que dava título à trama é um charmoso representante da classe média baixa, morava com os pais e a irmã no bairro de Pinheiros em São Paulo e trabalhava como vendedor em uma loja de sapatos. Com a sua malandragem e intuição, o simples Beto adota o sobrenome Rockfeller de um magnata, mentindo grau de parentesco. Com isso e sua namorada rica, ele consegue acesso a festas da alta sociedade. Ele tenta esconder sua vida humilde e fica entre duas mulheres: essa namorada da alta sociedade e uma vizinha. Assim, Beto vive entre esses dois mundos, tentando esconder um do outro, um conflito que perdura durante toda a novela.

A trama “revolucionou a narrativa teledramatúrgica” (BRANDÃO; FERNANDES, 2005) porque foi a primeira telenovela que apresentou o anti-herói. Também inovou no modo dos diálogos dos personagens, transmitidos em uma linguagem coloquial. Segundo um dos diretores da trama, o ator Lima Duarte, eram usadas algumas expressões da época, gírias como “pô, bicho”, “é uma brasa”, “bicho gordo”, “bicho magro”, entre outros, fazendo com que o telespectador se identificasse com os personagens. O texto de Bráulio Pedroso se aproximava da realidade do público, bem diferente das tramas interiores, em que a presença do melodrama era predominante.

A novela também revolucionou em demais sentidos: no técnico, foi com a utilização do videotape, que “possibilitou a superação do improvisado que caracterizava os programas televisivos” (FIGUEIREDO, 2003, p.36); já no sentido de texto e interpretação, os atores denotavam influência do teatro e do cinema e a forma de escrever era ainda mais próxima da realidade brasileira.

No elenco, o ator Luis Gustavo dava vida ao personagem-título. Além dele, outros grandes nomes da teledramaturgia também participaram como Débora Duarte, Walter Foster, Bete Mendes, Ana Rosa, Pepita Rodrigues, Zezé Motta, Walderez de Barros, Gésio Amadeu Irene Ravache, Marília Pêra, Othon Bastos, Lima Duarte, entre outros.

Em um artigo publicado no caderno “Cultura” do jornal O Estado de São Paulo, em 16 de novembro de 2008, a jornalista Aline Dauroiz diz que a novela foi um “ruído na teledramaturgia” devido às inovações já citadas acima, e também pelos personagens serem mais reais, terem profissões da sociedade brasileira e não serem barões e condes.

Entretanto, Renato Ortiz (1991) discorda dessa visão revolucionária e inovadora que dão a trama de Bráulio Pedroso e diz que a história “é na verdade um fruto de inúmeros ensaios anteriores”, exemplificando alguns títulos, como a novela *Antônio Maria*, novela de Walter Negrão em parceria com Geraldo Vietri. A trama não obteve o mesmo sucesso do que a de Bráulio Pedroso, mas já havia uma certa aproximação do Brasil. No antigo folhetim, os personagens eram relacionados mais com a nobreza, carregando títulos de reis, duques e condes, e o contexto em que viviam mostrava meios de transportes como carruagens. Na trama mais nova, os personagens andavam de ônibus, a cidade em que a trama se passava era São Paulo, e ainda, o personagem-título era chofer, e não mais um nobre.

Enquanto a TV Tupi se beneficiava com *Beto Rockefeller* neste período entre os anos de 1968 e 1969, a Rede Globo, ainda em seu princípio, contava com autores como Janete Clair, Ivani Ribeiro, e a principal, a cubana Glória Magadan.

No início da teledramaturgia global, as tramas seguiam as características estrangeiras, especialmente por conta de Magadan. De acordo com o jornalista Nilson Xavier², eram “histórias rocambolescas, em países distantes, com personagens maniqueístas”, ou seja, eram tramas longínquas do cotidiano dos telespectadores brasileiros, em que os personagens se apresentavam como rainhas e shaikes.

Com a saída da autora cubana no ano de 1969 da emissora carioca, outros autores como Ivani Ribeiro, Dias Gomes e Janete Clair foram alguns dos responsáveis pelos maiores sucessos da emissora, dando uma cara mais brasileira às tramas e deixando definitivamente o melodrama dos antigos folhetins.

A novela *Véu de Noiva*, de Janete Clair, baseada na radionovela *Vende-se Um Véu de Noiva*, foi exibida em 1969 pela Rede Globo e também fez um grande sucesso entre o público. Seu enredo era sobre Andréá, que desistiu de se casar quando descobriu que o noivo, Luciano, era apaixonado por sua irmã, Flor. Esta última tinha um filho com Luciano, que acabou entregando para a irmã que iria se casar com ele. Quando descobre que não pode mais engravidar, ela pede a guarda do menino de volta, começando, assim, uma disputa entre as irmãs. Este conflito familiar fez com que o público ficasse sensibilizado.

A TV Globo chegou a realizar um julgamento de verdade com um júri real para que fosse decidido com quem ficaria a criança. O resultado foi que ela ficasse com Andréa.

² MIYAZAWA, Pablo. **Livro mostra como a novela fez trilha sonora do Brasil entre anos 60 e 80**. 2014. Disponível em: <<http://musica.uol.com.br/noticias/redacao/2014/12/10/livro-disseca-as-trilhas-sonoras-de-novelas-entre-as-decadas-de-60-e-80.htm>>. Acesso em: 18 jun. 2015.

No elenco os protagonistas eram Regina Duarte, a noiva, Geraldo Del Rey, o noivo, e Myriam Pérsia, a irmã.

As duas primeiras décadas relacionadas à telenovela no Brasil foram de grandes experimentações, amadorismo, erros, acertos, novidades, adaptações, investimentos, começo da profissionalização e estruturação do veículo.

Se no início da década de 1950 a telenovela era puramente feita de adaptações da radionovela, com textos de escritores em sua maioria da América Latina, no final da década seguinte ela passou a ter uma “aproximação com a atmosfera cultural do final dos anos 60” (Ortiz, 1991), com autores nacionais e tramas mais próximas da realidade, se tornando, assim, o principal produto da televisão brasileira.

A partir da década de 1970, o gênero cresceu vertiginosamente em audiência e se consolidou como um produto que influencia a moda, o comportamento e, principalmente, o mercado fonográfico.

Nos anos seguintes a televisão brasileira foi reconhecida internacionalmente. Suas produções ficcionais atingiram um padrão tecnológico e estético e como consequência, suas telenovelas passaram a serem exportadas para vários países. A primeira telenovela brasileira a ser exportada foi *O Bem Amado*, de Dias Gomes, em 1973.

Com a exibição de *O Bem Amado* em cores, a TV Globo fortalecia ainda mais a brasilidade tanto na linguagem como no conteúdo. O sucesso de público foi tão grande que *O Bem Amado* foi responsável pela abertura do mercado internacional para a novela brasileira, que até então só comercializava textos. (SANTOS, 2010, p. 25)

A telenovela *O Bem Amado* foi exportada para 30 países, esse fato fez com que a TV Globo abrisse o mercado de exportação. Algumas novelas que atualmente são as mais exportadas: *Caminho das Índias* (2009), de Glória Perez, que também ganhou o prêmio Emmy Internacional, o Oscar da TV, na categoria de melhor telenovela; *Da Cor do Pecado* (2004) e *Avenida Brasil* (2012), ambas de autoria de João Emanuel Carneiro. A última é a telenovela mais exportada, sendo vendida para 130 países³.

³ UOL. “**Avenida Brasil**”, licenciada para 130 países, é a mais exportada da Globo. 2014. Disponível em: <<http://televisao.uol.com.br/noticias/redacao/2014/07/08/vista-por-130-paises-avenida-brasil-e-a-novela-mais-exportada-da-globo.htm>>. Acesso em: 19 jun. 2015.

3 A TELEVISÃO COMO DIVULGADORA DE UM PRODUTO

“E na hora que a televisão brasileira destrói toda gente com sua novela, é que o Zé põe a boca no mundo, é que faz um discurso profundo, ele quer ver o bem da favela.” Este trecho é da canção “Zé do Carço”, composta em 1978 pela sambista Leci Brandão, mas gravada somente em 1986 pela gravadora Copacabana, no LP “Leci Brandão”.

Leci contou em uma entrevista para o programa Metrópolis, da TV Cultura, que um amigo jornalista sempre comentava o serviço de alto falante do Zé do Carço no morro. A história da canção, que é o motivo da composição e em especial o trecho citado acima, é esse: a esposa de um militar de alta patente, que morava em um prédio perto do morro, teria feito uma reclamação para que fosse desligado o serviço de alto-falante porque estaria atrapalhando a assistir novela.

Na década da consolidação do gênero no Brasil, essa parte da canção retrata muito bem não só o pensamento da cantora, mas o de muitos críticos da televisão e de um dos seus principais produtos.

Como todo veículo de massa é severamente criticado pelos intelectuais, com a televisão não seria diferente. Eles consideram que a sua função não passa de uma mera distração “apelando à frivolidade, à fascinação que o idiotiza, sem qualquer compromisso em educar ou levar o conhecimento de forma mais racional” (FIGUEIREDO, 2003, p. 10).

Sabe-se que a TV é um “poderoso meio difusor de comunicação e de penetração de massa e é responsável pela rapidez do consumo desse produto” (CALZA, 1996).

Os meios de comunicação de massa foram agentes das inovações tecnológicas, nos sensibilizaram para o uso de aparelhos eletrônicos na vida doméstica e liberalizaram os costumes com um horizonte mais cosmopolita; mas ao mesmo tempo unificaram os padrões de consumo com uma visão nacional. (CANCLINI, 2008, p. 130)

Mas como produto destinado à massa que é estimulado pelo consumo, primeiramente temos que entender para quem esses veículos estão querendo vender os seus produtos, considerando que o público tem uma origem diversificada. Daí surge o que um dos grandes teóricos da comunicação, Edgar Morin, chama de “Cultura de massa”, esse fenômeno teve origem nos Estados Unidos na década de 1930.

A Cultura de massa, isto é, produzida segundo as normas maciças da fabricação industrial; propagada pelas técnicas de difusão maciça (...) destinado-se a uma massa social, isto é, um aglomerado gigantesco de indivíduos compreendidos a quem e

além das estruturas internas da sociedade (classes, família, etc). (MORIN, 2002, p. 4)

Entende-se que são produtos destinados ao maior número de pessoas, independente das diferenças que elas possuam, como por exemplo: gênero, faixa etária, classe social, grau de escolaridade, entre outros.

O ato de consumir nessa cultura, segundo Canclini (2008), “é participar de um cenário de disputas por aquilo que a sociedade produz e pelos modos de usá-lo”. E como a produção visa vender um mesmo produto a ser consumido pelo maior número de pessoas, desconsiderando os fatores que as separam e fazendo com que só de as pessoas consumirem um mesmo produto elas estejam sendo “iguais”, acabando com qualquer distinção, conclui-se que o consumo “destrói as diferenças significativas entre as pessoas e sociedades” (BARBOSA, 2004, p. 58).

Os meios de comunicação de massa foram agentes das inovações tecnológicas, nos sensibilizaram para o uso de aparelhos eletrônicos na vida doméstica e liberalizaram os costumes com um horizonte mais cosmopolita; mas, ao mesmo tempo, unificaram os padrões de consumo com uma visão nacional (CANCLINI, 2008, p. 130).

Um dos produtos mais consumidos pelos brasileiros é a telenovela, que é uma “narrativa ficcional televisionada. Sua origem está no conto popular que surgiu da imprensa no século XIX. Esses contos foram adaptados ou reformulados para o formato TV com forte influência do rádio e teatro” (FIGUEIREDO, 2003).

Calza (1996) justifica que a telenovela é um outro modo de se narrar histórias, únicos e com características peculiares, e que ser comparada com outros formatos é desnecessário, sendo que ela é uma “forma de arte popular que não é literatura, cinema, teatro, ou produto de outro meio qualquer”.

A mesma autora ainda contrapõe a crítica dos intelectuais, dizendo que desde o início ela teve três funções: informar, entreter e educar. No que diz respeito as telenovelas, as críticas são praticamente as mesmas, sendo ela produto da televisão. Em seu livro, a autora compara a questão da arte ou espetáculo, visto que a arte é interpretada como algo relativo à criatividade, inventiva, e o espetáculo é visto de forma oposta como mera repetição.

Em entrevista ao programa “Como Será?”, exibido no dia 25 de abril de 2015, a autora de novelas Glória Perez afirmou que “o formato da telenovela moderna vem como espetáculo da unidade, onde você tem que se emocionar, tem que rir, tem que pensar”. Na mesma atração, outro autor que também concordou que a telenovela trabalha com esse lado

dos sentimentos e, por isso, faz tanto sucesso, é Silvio de Abreu: “a relação dele (público) com a telenovela é uma relação emocional”.

Por isso, a novela tem que ser contada de forma emocional e não racional, em que Perez (2015) diz que “a novela espelha o real sim, você conta do que você conhece, do que você vive”. A autora conclui o pensamento dizendo que a característica do folhetim é ele ter de chegar ao público através da emoção: “por isso que (a história) pode pegar de uma vez só tantas pessoas de classes diferentes, de níveis culturais diferentes. Ele atinge a todos porque entra pela porta da emoção.”

3.1 PRODUTOS CULTURAIS

A televisão, como um grande veículo de comunicação de massa, tem o poder de chegar à casa de inúmeras pessoas de uma só vez. Seus produtos, destacando suas novelas, diferentemente de outros produtos culturais, como o teatro, “invadem” o domicílio dos telespectadores. “Em uma única noite a telenovela pode ser assistida por 10 milhões de telespectadores, enquanto uma peça de teatro talvez seja vista por 500 mil pessoas, em um ano de encenação” (CALZA, 1996, p. 60).

Relembrando que a televisão foi montada basicamente com algumas características do rádio, em que seus profissionais, ao longo do tempo, foram se adequando e criando as próprias características do veículo televisivo. A telenovela, mesmo vindo a princípio do rádio e inspirada nas radionovelas e nos folhetins, tornou-se algo tão próprio e peculiar da TV que, atualmente, dificilmente lembra as radionovelas.

A telenovela foi a única coisa que a televisão brasileira inventou com características de um produto típico de televisão. Isto porque a nossa televisão surgiu copiando ou adaptando velhos programas de rádio (...). A novela, entretanto, conseguiu se desenvolver como um fenômeno da televisão brasileira. (DIAS GOMES apud MELO, 1988, p. 49)

Para o comunicólogo Muniz Sodré, estudioso em linguagem da televisão brasileira, o segredo da telenovela brasileira é a combinação de dois fatores: “ficção sem fantasia” e uma “moral doméstica” (MELO, 1988, p. 51). Mesmo não tendo um compromisso de retratar fielmente a realidade, ela tem que ter uma certa coerência na narração, tendo uma história que seja de fácil entendimento para o público e com um herói ou heroína que seja possível torcer. Acima de tudo, é preciso que os valores morais não sejam ofendidos, e sim coerentes com a realidade e situações do cotidiano.

Obviamente, não se pode esquecer que, com o surgimento da emissora Globo, a teledramaturgia brasileira ganhou novos horizontes e perspectivas, e que “alguns críticos mais acirrados insistem em repetir que não se pode falar da telenovela sem relacioná-la com a história política que coincide com a implantação da Rede Globo no país” (CALZA, 1996, p. 25).

A Rede Globo recebeu capital estrangeiro do grupo norte-americano Time-Life, e seu contrato era de “cooperação e assistência técnica”. Não obstante, a Constituição da época proibia o auxílio de empresas estrangeiras em veículos de comunicação de massa. O contrato chegou a ser rompido posteriormente, não por causa das pressões militares, mas pela falta de interesse da empresa devido à baixa lucratividade.

Mesmo assim, todo o conhecimento tecnológico que a empresa norte-americana ofereceu à TV Globo foi suficiente para ela tomar ciência e investir em uma grande estrutura segundo “os moldes das modernas empresas de televisão, desde a planta do prédio, à instalação dos estúdios, ao treinamento das equipes técnicas, culminando com uma política gerencial subordinada a estratégias de marketing” (MELO, 1988, p. 16).

Com esse pensamento e trabalho intenso na melhora da audiência nos cinco primeiros anos de transmissão, a Rede Globo começou a se consolidar como a maior emissora do país, investindo em expansão dos sinais por todo território brasileiro. Ela também investiu nas programações de conteúdo nacional (as outras emissoras exibiam conteúdo internacional), conseguindo, por fim, o sucesso almejado.

A posição hegemônica alcançada pela Rede Globo foi obtida em função de ela ser uma empresa que se preocupou com planejamentos, investimentos e orçamentos a longo prazo. Optou por uma administração profissional e não pessoal, não preocupada com o aqui e agora. Essa hegemonia não foi consentida: foi conquistada por uma empresa em que o dono reinvestiu 100% dos lucros durante quatorze anos (...). Não podemos frustrar a expectativa e a satisfação do público. Queremos fazer uma TV que espelhe exatamente o que o público espera que a Rede seja. (MARINHO apud MELO, 1988, p. 17)

A TV Globo, além de todas as novidades em relação à infraestrutura, ousou em se aproximar do público fazendo algo inovador na época: pesquisa sobre a audiência, consulta com os telespectadores para saber o que tem que melhorar na programação.

Ninguém usava pesquisa para saber o que estava errado em um programa que não ia bem, quais eram as expectativas e desejos dos telespectadores em relação à programação de TV.(...) O resultado desse método de trabalho foi a possibilidade de fazer o melhor produto, em termos de mercado, da televisão brasileira. (FRYDMAN apud MELO, 1988, p. 17-18)

A opinião do público que a consome tem peso, as pesquisas aos telespectadores são constantes. Além dessa inovação, que são as pesquisas sobre a opinião do público sobre o que estava sendo veiculado, houve também uma definição de como esse produto iria ao ar, para quem esse produto estava sendo direcionado. “O segredo de seu êxito está na criação de um hábito de consumo, que mantém o mercado potencial fiel a um tipo de programação capaz de atender aos desejos de diferentes faixas etárias e socioeconômicas” (MELO, 1988, p. 18). O jornalista Nilson Xavier (2014), especialista em telenovelas, possui um blog sobre o assunto, ressalta essa fórmula da emissora carioca em apresentar seu produto de maneira fiel.

Mas a Globo foi a emissora que melhor soube investir no gênero, impulsionado pela grade horizontal (a mesma atração no mesmo horário, diariamente), em horário nobre (de maior audiência desde sempre), que priorizava o sanduíche noticiário + novela (novela das 6 + jornal local + novela das 7 + jornal nacional + novela das 8, hoje 9). Assim, criou no brasileiro o hábito de manter a TV ligada, a partir do início da noite, nela, na Globo. (XAVIER, 2014)

Após *Beto Rockefeller* inovar a história de como era feita a telenovela no Brasil, a Rede Globo investiu em nesse formato e, como era privilegiada tecnologicamente, isso possibilitou que as gravações fossem feitas fora do estúdio, realizando-se as chamadas “externas”, fazendo com que o telespectador identificasse o cenário e dando mais realismo às cenas. Essa prática foi suficiente para o sucesso imediato da emissora, fazendo com que a década de 1970 fosse um marco na teledramaturgia brasileira, devido à indiscutível qualidade técnica da Rede Globo. Nascia o conceito do “padrão Globo de qualidade”.

A telenovela se tornou pra TV Globo “um produto lucrativo, de alto retorno financeiro, que se firmou no mercado brasileiro como um dos maiores fenômenos da indústria cultural do nosso tempo”. (MELO, 1988) A telenovela “produto cultural” da TV Globo possui características singulares.

Calza (1996) justifica que a telenovela é um outro modo de se narrar histórias, único e com características peculiares e que ser comparada com outros formatos é desnecessário, pois qualquer pessoa pode consumi-la, uma vez que ela “veio estender formas literárias e literalizantes a um público indiscriminado. Chega ao culto e ao não culto” (MELO, 1988).

3.2 TELENOVELA DIVULGA COMPORTAMENTO

Mesmo sendo um produto destinado a um público diverso, a telenovela tem uma estrutura de realidade (RAMOS, 1986) padronizada na chamada “Cultura Zona Sul”. As novelas que em sua maioria tem como cenário a cidade do Rio de Janeiro, têm sempre um núcleo dos ricos onde residem nos bairros dessa região (Gávea, Leblon, Ipanema, Barra da Tijuca) e, assim, os seus hábitos, seus pensamentos, seus trajés são transmitidos para milhões de brasileiros.

Como a “realidade das novelas é bem mais bela (...) os pobres não são tão miseráveis” (RAMOS, 1986, p. 59). O autor ainda ressalta que a casa dos pobres tem um conforto razoável, fazendo que os contrastes entre ricos e pobres diminuam, passando a ideia de que a diferença social não é tão acentuada e que, com muito trabalho, é possível atingir o mesmo nível econômico deles.

Em um único capítulo, uma grande quantidade de informação passa despercebido para o telespectador, “logotipos de produtos e serviços são apresentados, embutidos nas relações de aventura e de amor, o público é bombardeado por apelos consumistas” (RAMOS, 1986). Com isso, tudo o que a telenovela divulga, mesmo contrastando com as realidades mais simples, desperta o desejo de se adquirir o que os personagens usam.

A televisão brasileira conseguiu se consolidar nos anos 1970 em plena ditadura militar. Havia o fenômeno do milagre econômico, em que cresceu o número de aparelhos televisivos comprados no país. As tramas passaram a ter uma linguagem ainda mais coloquial e assuntos do cotidiano da população.

O crítico Artur de Távola (apud ORTIZ, 1991) destaca alguns fatores para que, a partir da década de 1970, a telenovela tenha se consolidado de forma bastante acentuada: o fator tecnológico com o videotape, editor eletrônico e câmeras portáteis, esse sistema de produção se assemelha ao sistema de produção do cinema em que não há necessidade de gravar as cenas em sequência de que elas iriam para o ar.

Assim, se tornou possível gravar novelas em outras regiões do país, fazendo com que houvesse uma ainda maior identificação do telespectador pertencente ao local em que a trama estava sendo ambientada, além de também saciar a curiosidade do telespectador que não tinha conhecimento da cultura da região.

A telenovela é um produto híbrido, isto é, que passa pelas mãos de diversos profissionais antes de chegar pronta na televisão. Portanto, a sua criação é um trabalho que

não pertence somente a um profissional, ou ao seu autor ou criador. Seu resultado final depende de uma série de fatores, série de profissionais envolvidos no trabalho deste produto.

Essa “Cultura Zona Sul” nos últimos anos não deixou de ser abordada nas telenovelas, mas com a ascensão econômica das classes mais populares, mais conhecida com “Classe C”, e a busca pela maior audiência fez com que a cultura fosse invertida. Em 2012 duas novelas da TV Globo foram modelos desse novo padrão de valorizar a “Cultura Zona Norte”: as telenovelas *Cheias de Charme* e *Avenida Brasil*.

A novela *Cheias de Charme* de Filipe Miguez e Izabel de Oliveira, exibidas às 19h onde as protagonistas eram três empregadas domésticas : Maria do Rosário, Maria da Penha e Maria Aparecida (Leandra Leal, Taís Araújo e Isabelle Drummond); e *Avenida Brasil*, de João Emanuel Carneiro, exibida às 21h, onde o fictício bairro Divino localizado no subúrbio carioca, e tinha um clube de futebol, o Divino Futebol Clube. O bairro era o pano de fundo para as tramas dos personagens principais como o Tufão (Murilo Benício), ex-jogador de futebol rico, mas que não abandonou as suas origens, morando com todos os seus familiares.

Com o início do apogeu da telenovela na década de 1970, muitos dos que a criticavam ou pensavam que era algo menor, migraram para a TV como cantores e compositores. Com o fim de programas musicais como “O Fino da Bossa” na TV Excelsior e “Jovem Guarda” na TV Record no final da década de 1960; e também por causa da Ditadura Militar que com o Ato Institucional nº 5 (AI-5), aumentou a repressão, em que os festivais de música em sua maioria tinham canções de engajamento político, por causa da censura foram interrompidos ou diminuíram a sua repercussão. A alternativa mais viável para os músicos mostrarem seus trabalhos tendo maior visibilidade foi a telenovela.

De acordo com o jornalista Nilson Xavier (2014) no princípio “torciam o nariz para algo tão ‘popular’, (mas) foi com a Som Livre que todos passaram a disputar um espaço (nas novelas)”. Fato esse que será abordado com mais detalhes no capítulo seguinte.

4 A INSERÇÃO DA MÚSICA NA TELENOVELA

Muito antes da chegada da televisão no Brasil, a sincronização de imagem e som, se dava pelo cinema. E a trilha sonora musical sempre teve relevância nos filmes, e na época do cinema mudo “ a trilha , executada ao vivo nas salas de cinema por músicos instrumentistas” (BRYAN;VILLARI, 2014,p. 25) dando suporte as cenas, se tornando um elemento essencial para o espectador deixar se envolver pelas emoções que as trilhas propunham.

Na época das radionovelas brasileiras se basearam nesse modelo do cinema das trilhas e “como não possuíam o recurso da imagem, dependiam ainda mais da trilha musical da sonoplastia para aguçar a imaginação do ouvinte” (BRYAN;VILLARI, 2014,p. 25). E com a telenovela, essa parceria com a música conduzindo as tramas não seria diferente.

Assim como a teledramaturgia ia se profissionalizando de forma gradativa, e aos poucos ganhando mais telespectadores que criaram o hábito de assistir suas tramas, a relação dos folhetins televisionados com a música também teve sua evolução, levando em conta o mercado, interesses de gravadoras, autores e produtores. Foi neste início da telenovela, quando este produto passou a ser diário, que havia um único responsável pelas trilhas sonoras: o sonoplasta. “Era praticamente o sonoplasta quem se ocupava de ilustrar musicalmente a estória. Basicamente ele escolhia, de forma bastante arbitrária, as músicas que lhe agradavam entre os discos de que dispunha.” (ORTIZ, 1991)

O nome com mais evidência nessa época e que ilustra justamente o modo como eram concebidas as trilhas é o de Salathiel Coelho. Ele foi o primeiro sonoplasta de telenovelas. Começou a trabalhar na TV Tupi desde a sua fundação, em 1950, na sonoplastia de todos os programas da emissora e, em pouco tempo, ficou responsável também pelas trilhas das novelas, não só como sonoplasta, mas com a seleção musical.

Eu disse ao Cassiano Gabus Mendes que era o diretor da Tupi, que queria fazer as trilhas das novelas como eram as do cinema. O primeiro passo seria pedir autorização às editoras musicais, às titulares das obras. O segundo seria montar o LP propriamente dito. E o terceiro, publicar a trilha e pôr no mercado para vender. Até aí tudo bem, mas tinha um problema: as associadas da Tupi não eram como a da Globo. A Globo entrou depois com mais profissionalismo e, quando a Tupi decidiu fazer era tarde: a Globo já tinha dominado o mercado. (BRYAN; VILLARI, 2014, p. 26)

Em 1965, é lançado pela gravadora Copacabana o primeiro LP de Novelas: “Salathiel Coelho Apresenta Temas de Novelas”. Esse LP era apenas uma coletânea das

principais trilhas de sete novelas da TV Tupi: *Alma Cigana* e *Se O Mar Contasse*, ambas de Ivani Ribeiro; *O Sorriso de Helena*, de Pola Civelli; *Tereza* e *O Cara Suja*, ambas de Walter George Dust, e *O Direito de Nascer*, de Teixeira Filho e Talma de Oliveira.

Estão de parabéns os irmãos Emílio e Vicente Vitale e a Copacabana pela inspirada ideia deste LP (...). Primeiro, porque levarão aos lares de todo o Brasil as melodias evocativas das cenas românticas, das cenas trágicas, das cenas comoventes, e às vezes hilariantes das histórias que as novelas nos contam. Segundo por terem escolhido Salathiel para esta seleção (...). Salathiel pega a grande música no seu original ou com roupagens novas, e vai impingindo-as ao grande público em doses homeopáticas (que se avolumam dia a dia) aumentando-lhe os conhecimentos, aprimorando-lhe o gosto musical, refinando-lhe o sabor da escolha. (VIETRI apud BRYAN; VILLARI, 2014, p. 27)

As escolhas de Salathiel para as tramas variavam de gênero, mostrando a versatilidade do profissional, indo de “sinfonias e trecho de óperas a sucessos contemporâneos da música italiana” (BRYAN; VILARI, 2014, p. 26). A forma como ele inseria a canção no folhetim era diferente do cinema. Na sétima arte, a música é usada para ambientar o clima da cena, podendo ser de suspense, comédia ou drama. Já na telenovela, a canção seria usada para identificar o personagem. “Cada personagem era marcado com um tema. Quando ele surgia, eu soltava a música. E eu sempre fui muito cuidadoso com isso. Era importante para os atores quando eles entravam em cena ao som da música que marcava o personagem dele” (SALATHIEL apud BRYAN; VILARI, 2014, p. 27).

Nesta época, era comum que as trilhas fossem sinfonias de origem e com cantores estrangeiros, porque as tramas não se passavam no Brasil, e sim geralmente em outros países, como em Portugal. Os LPs lançados não eram propriamente da trama e, com isso, eram lançadas subtrilhas de outras gravadoras.

Algumas vezes, os próprios atores que interpretavam as canções das novelas, cantando ou declamando algum poema que fez parte do LP ou de alguma trilha complementar. Nesse sentido, se destaca a novela *Antônio Maria*, em que o ator Sérgio Cardoso interpretou duas canções, sendo uma delas composta pelo guitarrista português Manuel Marques, chamada “Tema de amor em forma de prelúdio” e que era tema de abertura, e também declamava um soneto de Luís Vaz de Camões. Ele fez parte da primeira trilha feita especificamente para uma novela.

Antes, eram lançadas, além da trilha “oficial”, as subtrilhas. Elas eram assim chamadas porque a Tupi não tinha gravadora própria e as gravadoras que possuísem os fonogramas escolhidos por Salathiel poderiam lançar essas subtrilhas, aproveitando, assim, o sucesso da trama.

Com *Beto Rockfeller*, a música “Sentado a Beira do Caminho” foi utilizada em uma cena como um videoclipe; o anti-herói Beto, ao ser desprezado por quem amava, andava por uma estrada pensando na situação que ele se encontrava. Como a música tocou praticamente inteira, gerou-se a identificação e a associação do personagem com a canção. Essa outra novidade que a trama levava para a história da teledramaturgia, e que teve como consequência a mudança de como a música era colocada na novela; agora, se trabalhava com a “trilha musical coerente com a proposta da trama” (BRYAN; VILLARI, 2014, p. 51). As trilhas eram embaladas não como eruditas ou sinfônicas, como era o costume das tramas anteriores, mas sim pelo rock da época. A responsabilidade da trilha dessa novela inovadora ficou a cargo do produtor Cayon Gadia.

Já aquelas gravadoras que tinham os direitos dos fonogramas das músicas que faziam parte da trilha da trama de Bráulio Pedroso lançavam as canções em um simples compacto, colocando uma tarja com os dizeres “Tema da novela *Beto Rockfeller*”. Esta trilha se mostrou como uma das “fórmulas” do sucesso das músicas cantadas na trama, que é a associação da “adequação do repertório à história e sucesso comercial” (BRYAN; VILLARI, 2014, p. 51).

A revolucionária *Beto Rockfeller* tem para contar mais uma grande façanha. Todas as músicas executadas – na maioria pontuadas por intérpretes internacionais – se transformaram em sucesso de execução e vendagem. Neide e Otávio (Irene Ravache/Waler Foster) envolviam-se ao som dos Beatles com “Here, There and Everywhere”. Maitê (Maria Della Costa) era enaltecida com “I Started a Joke”, dos Bee Gees. Fica impossível lembrar de Bete Mendes como Renata, sem associar personagem e intérprete com Adamo ou Gilbert cantando “F. Comme Femme”, levando a novela a um grande momento dramático e musical. (FERNANDES, 1997 p. 28, apud RIGHINI, 2004, p. 130)

O depoimento do jornalista Nelson Motta sobre especificamente a música “Sentado à beira do Caminho”, que foi utilizada na novela, mostra como a inserção da música pode fazer a diferença em uma cena:

O Brasil inteiro cantou com Erasmo, Bráulio Pedroso dedicou praticamente um capítulo inteiro de sua novela “Beto Rockeffeller” na TV Tupi, o maior sucesso do momento na televisão, a cenas mudas com o protagonista Luiz Gustavo andando pelas ruas de São Paulo ao som de “Sentado à beira do caminho”, um capítulo clip. (MOTTA, 2001 apud FARIA, 2012, p.23)

Essa prática de usar a música como se fosse um videoclipe era um fato que engrandecia a cena, a fazendo ter um grande apelo popular e se tornando “modelo para as novelas seguintes” (BRYAN; VILLARI, 2014, p. 52).

Em 1969, os três principais temas de *Beto Rockefeller* estavam na lista das cem músicas mais tocadas no ano pelas rádios no Brasil: “I Started a Joke”, dos Bees Gees, em 9º posição; “F, Comme Femme”, de Salvatore Adamo, na 10º colocação; e “Sentado à Beira do Caminho”, de Erasmo Carlos, em 13º lugar. Essa parada de sucessos mostrou o início da relação lucrativa novela-música, porém a emissora mais beneficiada dessa parceria não foi a TV Paulista de Chateaubriand.

4.1 CRIAÇÃO DA SOM LIVRE E NOVA FORMA DE SE FAZER TRILHA

Ao perceber o estrondoso sucesso que *Beto Rockefeller* fez, não só na inovação da forma de se fazer novela, mas também na forma como foi selecionada, conduzida e trabalhada a trilha musical da trama, em 1969 a Globo rompe com a escritora cubana Glória Magadan e seu estilo melodramático e contrata escritores como Vicente Sesso, Janete Clair e Dias Gomes.

Neste mesmo período, o presidente da gravadora Philips, André Midani, volta de uma viagem ao México com uma percepção de que as novelas eram tão populares para os mexicanos quanto para nós e, com isso, as trilhas sonoras de lá geravam uma grande vendagem de discos. Ele teve, então, a ideia “de produzir discos com suas trilhas criadas especialmente para as novelas, pelos melhores compositores, gravadas pelos cantores mais populares, que eram quase todos do elenco da Philips”, conta Nelson Motta (MOTTA apud BRYAN; VILLARI, 2014, p. 52)

O jornalista Nelson Motta (MOTTA apud BRYAN; VILLARI, 2014) ainda conta que, após convencer os diretores Boni e Walter Clark e conversar com Daniel Filho, que na época era o diretor das novelas da Globo, fechou uma parceria com a gravadora Philips em que ela arcaria com todos os custos das músicas dos grandes artistas serem lançadas nas novelas. A emissora carioca teria o lucro das vendas de apenas três por cento.

A fórmula novela-trilha sonora será mesmo patenteada pela Rede Globo. A cada novo lançamento no vídeo, dois novos LPs (o nacional e o internacional) passaram a ser despejados no mercado. Inicialmente, a Globo, através da gravadora Philips,

começou a difundir temas musicais compostos especialmente para suas novelas. (FERNANDES apud RIGHINI, 2004, p. 131)

A primeira trilha da Globo produzida pela Phillips foi a novela *Véu de Noiva*, de Janete Clair.

No começo, as pessoas não queriam fazer música para novela. Foi o maior trabalho convencer, porque a novela era uma coisa de menor prestígio, existia muito preconceito, e ninguém sabia se ia dar certo. Até *Véu de noiva*, eram as novelas de Glória Magadan, dramalhões mexicanos, coisas realmente terríveis. Com *Véu de noiva* é que isso começou a mudar. Foi aí que surgiram as novelas de Janete Clair, Dias Gomes, Lauro César Muniz, Walter George Durst, essa gente ótima que fez o gênero levantar voo. (MOTTA apud BRYAN; VILLARI, 2014, p. 52)

Motta ainda comenta que a partir dessa ideia de haver uma parceria entre uma emissora de TV e uma gravadora para o lançamento de trilhas de novelas, muitos profissionais a ter uma visão diferente da junção música e novela.

Novela é um fortíssimo veículo de comunicação e sempre foi mal explorada em termos musicais. Expus a ideia ao Boni e ao pessoal da Philips, que toparam imediatamente, e as duas empresas, a gravadora e a TV Globo, fizeram um contrato para produzir os discos (MOTTA apud RIGHINI, 1970, p. 133)

A trilha de *Véu de Noiva* fez bastante sucesso e o maior destaque foi “Teletema”, que embalava o casal protagonista, composta por Antônio Adolfo e Tibério Gaspar e interpretada pela cantora Regininha. De acordo com o jornalista Nelson Motta (BRYAN; VILLARI, 2014), que produziu o disco da novela, aconteceu “um escândalo. Aí é que as pessoas se deram conta de que existia essa coisa de trilha de novela. Das que eu fiz, nenhum vendeu tanto quanto *Véu de Noiva*”.

Encerrado o contrato entre a Globo e a gravadora Phillips, Nonato Buzar juntamente com o Boni, José Otávio de Castro Neves, Chico Anysio, criaram a Som Livre em 1970, com o intuito de lançar as trilhas das novelas e obter lucro absoluto.

Foi aí que começou tudo. Eu pegava a sinopse e encaminhava para compositores que eu tinha certeza que fariam os temas de acordo com o personagem, como foi o caso de Marcos Valle, Edu Lobo e Carlos Lyra. Todas as músicas eram inéditas. Era uma coisa que a gente fazia com todo o prazer, porque o compositor fazia sabendo que ia lançar uma música numa novela. E não existia esse negócio de jabá. (BUZAR apud BRYAN; VILLARI, 2014, p. 55)

No início, houve a dificuldade para conseguir que os grandes nomes da música brasileira interpretassem as canções, porque eles estavam contratados em outras gravadoras e,

para liberar o artista, João Araújo, então diretor musical da Som Livre, teve algumas alternativas, como os próprios atores das novelas cantar as músicas ou contar com o elenco reduzido da Som Livre para interpretar as letras.

Com o profissionalismo da televisão e de seus produtos, como é o caso da telenovela, não é só uma pessoa ou um setor que fica responsável pelo trabalho desde a sua concepção até chegar aos telespectadores. Com a trilha sonora não é diferente. Saber quantos e quais profissionais envolvidos neste processo de criação é algo determinante para se obter bons resultados.

Os profissionais envolvidos para a produção de trilha sonora de novela são: diretor da novela; ator da novela; um diretor musical da novela; aí vem um compositor – às vezes como convidado; um produtor musical, que faz o “meio-de-campo” entre a novela e a gravadora; e o sonoplasta. (DEL RANGEL apud RIGHINI, 2004, p. 95-96)

A primeira trilha lançada pela Som Livre foi da novela *O Cafona*, de Bráulio Pedroso, que foi exibida em 1971 e produzida por Nonato Buzar. Os irmãos Marcos e Paulo Sérgio Valle ficaram responsáveis pelo tema de abertura. Uma curiosidade foi a atriz Marília Pêra ter interpretado a canção de sua personagem, evidenciando as alternativas de João Araújo para tentar compensar a falta de grandes nomes da gravadora.

Um grande sucesso de tema de novela nacional foi a trama de *Irmãos Coragem*, de Janete Clair. O enredo contava a saga de três irmãos, João (Tarcísio Meira), Duda (Cláudio Marzo) e Jerônimo (Cláudio Cavalcanti). O tema de abertura tinha o nome homônimo ao do título e era interpretado por Jair Rodrigues. “Era sensacional a abertura com Jair Rodrigues. Ele vinha de sucessos como “Disparada”. Era perfeito para o clima de faroeste da novela”, conta Nelson Motta (MOTTA apud BRYAN; VILLARI, 2014, p. 82), que ficou responsável na produção do disco. Jair Rodrigues também relatou:

Quando o Nonato Buzar me mostrou essa música, eu gostei e falei: “Vamos cuidar do arranjo”. Quem fez foi o pessoal do Quarteto Novo, que acompanhava o Geraldo Vandré, como Hermeto Pascoal, Heraldo do Monte e Theo de Barros. Nem sabia que a música iria para a novela. Fiquei sabendo quando, de repente, escutei. Primeiro botaram só a instrumental. Depois, no meio da novela, colocaram a minha gravação. Aí, de repente, eu que sou noveleiro, ouvi ali a minha voz e adorei. (RODRIGUES apud BRYAN; VILLARI, 2014, p. 82)

Entre os anos de 1972 e 1974, a partir da novela *O Primeiro Amor*, duplas de compositores dos grandes nomes da música brasileira ficaram responsáveis pelas trilhas inteiras de novelas, para melhor unidade e coerência da obra. “Os compositores as receberem

o briefing da novela e dos personagens principais, criavam de dez a doze canções num prazo curto de tempo que não ultrapassava três semanas” (BRYAN; VILLARI, 2014, p.56). A escolha dos intérpretes ficava com o diretor musical; por exemplo, Antônio Carlos e Jocafi ficaram responsáveis pelas trilhas de *O Primeiro Amor* e *Supermanoela*; Marcos e Paulo Sérgio Valle pelas músicas de *Selva de Pedra* e *Os ossos do barão*; Roberto e Erasmo Carlos, por *O Bofe*; Baden Powell e Paulo César Pinheiro, de *O Semideus*; Toquinho e Vinícius de Moraes, de *O bem amado* e parte da trilha de *Fogo Sobre a Terra*; Paulo Coelho e Raul Seixas pela novela *O Rebu*; Zé Rodrix criou, sozinho, a trilha de *Corrida do Ouro*; e Nelson Motta, juntamente com Guto Graça Mello, a de *Cavalo de Aço*.

4.2 TRILHA NACIONAL X TRILHA INTERNACIONAL

Antes, as músicas nacionais e internacionais eram lançadas no mesmo disco. Foi ideia do produtor musical João Araújo, que já estava na Som Livre, a de lançar no mercado e vender, separadamente, um LP nacional e LP internacional. Primeiro lançava-se a nacional e, depois de aproximadamente um mês, era posto nas lojas o LP internacional. Estas músicas estrangeiras eram as que estavam nas paradas mundiais e que se adequavam às histórias, visando atingir o público “jovem e urbano” (BRYAN; VILLARI, 2014, p. 57).

As faixas eram selecionadas pelo próprio João que, depois de receber as sinopses e se reunir com a equipe, solicitava às gravadoras a liberação das faixas para serem adicionadas ao disco que seria lançado.

Em 1970, a gravadora Som Livre fez um acordo com a gravadora americana Top Tape que, por sua vez, concedia alguns de seus fonogramas. Ela detinha os direitos de distribuição da Motown Records, especializada em *soul music* (BRYAN; VILLARI, 2014, p. 57). Os grandes nomes como Michael Jackson e Stevie Wonder estavam de forma recorrente nos discos por causa desse motivo.

O próprio João Araújo escolhia as músicas. Primeiramente, ele ouvia os discos e, após receber a sinopse das histórias, se reunia com a equipe e pedia autorização das gravadoras para inserir os single na trilha. O processo de autorização era lento, pois às vezes levava mais de dois meses até ter a resposta. Portanto, foi uma prática compensadora e imediata, já que os discos internacionais “passaram a responder por quase todo faturamento da Som Livre” (BRYAN; VILLARI, 2014, p. 58).

Uma das trilhas internacionais mais marcantes foi a da novela *Selva de Pedra*, de Janete Clair, que estreou no ano de 1972. A canção “Rock and roll Lullaby”, do cantor norte-

americano B. J. Thomas, foi a que mais marcou a trama, sendo difícil não associá-la ao casal de protagonistas. No remake do ano de 1986, ela ainda foi tema da abertura de forma instrumental. A música fez tanto sucesso que impulsionou o cantor a realizar shows regularmente no Brasil, além de regrava-la em 2009 na forma bossa-nova (BRYAN; VILLARI, 2014). O fato curioso é que a música não teve tanta repercussão em seu país de origem, os Estados Unidos.

“Rock and roll Lullaby” embalava o enredo dos personagens de Regina Duarte e Cláudio Marzo (chamados na trama de Simone e Cristiano), mas a sua letra não tinha nada de romântica; ela narrava a história de uma jovem de dezesseis anos que criava seu filho recém-nascido sozinha, e o refrão (o famoso “cha na-na-na-na”) era o modo rítmico como a mãe ninava o seu bebê.

Mesmo com essas incoerências de tradução e sentido, que passavam praticamente despercebidas pela maioria dos telespectadores, uma vez considerando-se que a língua oficial do Brasil é o português, e não inglês, o LP internacional de *Selva de Pedra*, que trouxe outro clássico como “Skyline Pigeon” de Elton John, vendeu mais de 450 mil cópias. Esse número foi um recorde, considerando que as vendagens das trilhas (nacionais e internacionais) não iam além de 125 mil cópias. A trilha internacional que mais tinha sido vendida até nesse período foi da novela *Bandeira 2*, que rendeu 120 mil cópias (BRYAN; VILLARI, 2014, p. 499).

Com isso, as trilhas nacionais, ao contrário das internacionais, vendiam uma quantidade bem menor, entre cinco mil cópias até, no máximo, vinte mil. Esse fator levou muitos cantores brasileiros a cantarem em inglês e adotarem pseudônimos, como foi o caso de Fábio Júnior (adotou o pseudônimo Mark Davis); Jessé (adotou o pseudônimo Tony Stevens) e Ivanilton de Souza (adotou o pseudônimo Michael Sullivan).

Esses cantores foram apelidados com a expressão em inglês “brazilians singers” (“cantores brasileiros”, tradução livre) e se tornaram vantajosos para a Som Livre por causa do menor custo que teriam, pois então a gravadora não precisaria pagar os royalties às gravadoras americanas e venderia bem da mesma forma os LPs com músicas cantadas em inglês.

É de extrema importância ressaltar que o período econômico ajudou, e muito, o consumo dos discos. O chamado “milagre econômico” no governo ditatorial do general Emílio Médici, durante o qual o Produto Interno Bruto (PIB) subiu 10% entre os anos de 1970 a 1975, fez com que o poder de compra da população aumentasse, criando a possibilidade do consumo de produtos duráveis, como a TV.

O mercado de discos entre meados da década de 1960 e o final dos anos 1970 cresceu de forma vertiginosa, passando de 5,5 milhões de unidades vendidas em 1966 para 52,6 milhões em 1979, considerando que cada unidade equivale a um LP ou a três compactos simples (VICENTE apud BARCINSKI, 2014, p. 39).

Porém, mesmo com esse mercado, a venda de trilhas nacionais de novelas não estava sendo favorável, ao contrário das trilhas internacionais, que vendiam de forma abundante. Compor trilhas específicas de novelas com duplas de compositores famosas não estava dando o resultado desejado e satisfatório. Era preciso rever o formato de concepção das trilhas nacionais, para ter grandes vendagens e aceitação entre os ouvintes.

O início dessa aceitação veio em 1975, quando a emissora a TV Globo completava dez anos de existência. A novela *Gabriela*, de Walter George Durst, uma adaptação do livro “Gabriela, Cravo e Canela”, do escritor baiano Jorge Amado, teve uma trilha musical notável e elogiável.

O responsável pela criação foi Guto Graça Mello, e a trilha contou com artistas como Dori Caymmi, João Donato, Gal Costa, Maria Bethânia, Fafá de Belém, João Bosco, Quarteto em Cy, MPB4, Djavan, Moraes Moreira e Alceu Valença. O álbum emplacou duas músicas nas paradas de sucesso: “Modinha para Gabriela”, com Gal Costa, e “Filho da Bahia”, com Fafá de Belém.

Outro destaque da trilha é “Alegre Menina”, cantada na voz de Djavan, que foi tema do romance da protagonista (interpretada por Sônia Braga) com o personagem Nacib (interpretado por Armando Bógus). O cantor alagoano afirmou a importância que a canção tem até hoje em sua carreira, dizendo que “ela se tornou um clássico, toca no rádio até hoje. Quando canto nos shows, faz o maior sucesso. É uma música que realmente marcou minha vida” (DJAVAN apud BRYAN; VILLARI, 2014).

O álbum com a trilha de *Gabriela* “levou a crítica musical a, pela primeira vez, reconhecer a qualidade de uma trilha de novela” (BRYAN;VILLARI, 2014, p. 175). O produtor responsável pelo álbum, Guto Graça Mello, reconhece que, mesmo sem um grande impacto nas vendas, este LP tem o seu valor artístico “é a melhor trilha que fiz até hoje. Não foi um estouro de vendas, mas, com ela conquistamos o respeito da crítica especializada”.

4.3 PECADO CAPITAL: VENDAGEM SURPREENDENTE DA TRILHA NACIONAL

Com a surpresa da censura da novela *Roque Santeiro* pela ditadura em 1975, impedindo de a trama de Dias Gomes de ir ao ar, Janete Clair, em tempo curto, escreveu

Pecado Capital. Guto Graça Melo ficou responsável por assinar a trilha, trabalho que foi destinado a Nelson Mota. Entretanto, o estilo das músicas que havia sido selecionado era incoerente com a proposta da trama. De um dia para outro, Graça Melo se viu com uma grande missão para ser completa em tempo recorde: encontrar grandes nomes para compor a trilha.

Na quinta-feira antes da estreia da novela, o Daniel Filho me telefona: “Para o que estiver fazendo e vem para cá agora.” (...) Quando cheguei, estavam Daniel, Boni e Nelsinho Motta numa gritaria tremenda. O Nelsinho tinha feito uma trilha de rock. Botou gente legal, o Vímana, coisa assim, mas que não tinha nada a ver com o espírito suburbano da novela, e essa era a briga do Boni: “Porra, você não leu? Isso aqui não tem nada a ver”. Foi o Nelsinho embora e o Boni falou: “Guto, você tem que fazer uma trilha pra novela estrear segunda.” (MELLO apud BRYAN; VILLARI, 2014, p. 176)

Guto Graça Mello destaca ainda que pediu total liberdade e propôs duas coisas que fariam da novela um grande marco: a primeira, um fator inédito, foi colocar um samba na abertura; e a outra foi adequar a trama ao mercado, ou seja, não colocar as músicas aleatoriamente, mas sim colocar aquelas que tinham algum sentido para ser inseridas no enredo.

Eu tinha quatro dias para fazer a trilha. Pedi liberdade total. O Boni falou: “Liberdade total. Só faça bem-feito, senão vou te botar na rua”. E lá fui eu às principais gravadoras. Ia para os diretores artísticos e falava: “O que você vai lançar?”. Começaram a aparecer músicas maravilhosas e foi desse jeito que consegui montar a trilha. (MELLO apud BRYAN; VILLARI, 2014, p. 176)

A trilha de *Pecado Capital* foi tão bem recebida pelo público que sete músicas ficaram em ótimas colocações nas rádios: “Moça”, de Wando, foi a mais ouvida em 1975, junto com demais títulos como “Juventude Transviada”, de Luiz Melodia; “Você Não Passa de Uma Mulher”, Martinho da Vila; “Beijo Partido”, na voz de Nana Caymmi; “Melô da Cuíca”, de Azimuth; “Meu Perdão”, Beth Carvalho, e um dos temas de abertura mais marcantes da teledramaturgia nacional: *Pecado Capital*, com Paulinho da Viola (BRYAN; VILLARI, 2014, p. 177).

Guto Graça Mello relata que, para o processo da composição da música de abertura de *Pecado Capital*, ele foi “até o Daniel (Filho), era uma sexta-feira, e decidimos ligar para o Paulinho da Viola. Ele foi ao escritório, expliquei para ele o que era para fazer. Ele ficou assustadíssimo com o prazo” (MELLO apud BRYAN; VILLARI, 2014, p. 212).

O sambista Paulinho da Viola também disse como foi feito o convite para compor a música de abertura, e da dificuldade de escrever a letra com uma sinopse resumida e em pouco tempo:

Quando o Guto deu a sinopse da novela, era só uma folha. Quando vi aquilo falei: “Puxa, mas só tem isso? Como vou fazer uma música?”. Aí fui para casa. No dia seguinte, ele ligou: “como é? O tema tá pronto? Rapaz, isso é pra ontem.” Naquela noite eu fiz o tema. No dia seguinte de manhã, já estava no estúdio, em Botafogo. Gravei e já tinha um motoqueiro a postos para levar a fita para a Globo. Depois o Guto me ligou e disse: “sua música foi aprovada”, e foi isso. (VIOLA apud BRYAN & VILLARI, 2014, p. 212)

De acordo com o produtor musical Guto Graça Mello (BRYAN; VILLARI, 2014, p. 178), a trilha sonora nacional vendeu 200 mil cópias, fator surpreendente, considerando que o número de vendas de disco nacional não costumavam ultrapassar 20 mil cópias. “O disco foi uma surpresa pra todo mundo. Antes de ser feito era o patinho feio. Ninguém botava fé. E aí se reverteu tudo. A novela virou um sucesso, muito também em função da música” (MELLO apud BRYAN; VILLARI, 2014, p. 178).

A música da abertura, também intitulada *Pecado Capital*, se tornou importante não só na trama, mas na carreira de Paulinho da Viola. “A música da abertura é geralmente procurada junto com o título, mas às vezes é ela que dá o título à novela. Pode ser apenas uma ótima música que consegue ser entrosada na história” (BRYAN; VILLARI, 2014, p. 53).

A trilha sonora de uma novela tem que ter abertura; essa abertura tem que dizer o que a telenovela é musicalmente (...), ela tem um certo número de temas caracterizando um certo número de núcleos. (...) Um personagem só, às vezes, é esse personagem com seu núcleo de ação (...) e isso vai acompanhando a telenovela com os personagens, conforme eles vão agindo no decorrer da ação. (...) A novela é marcada no seu final; não se compreenderia o fim sem aquele som, aquela marca que é o fundamental para você saber do que se está tratando. (PALLOTTINI apud RIGHINI, 2004, p. 120)

O compositor Michael Sullivan também afirma a relevância de uma música entrar para o folhetim e como era fundamental para a carreira do artista e para o mercado:

Ter música em novela virou algo muito importante para fazer sucesso. Ela está dentro de um disco, que é distribuído, emplaca dois ou três sucessos nacionais, e as músicas que acabam não tocando ainda podem ser descobertas pelas rádios do interior. (...) A novela chamava a atenção das rádios do interior, que empurravam para as capitais. As gravadoras passaram a ter um termômetro e começavam a fazer o single a partir daquele trabalho. Então, as três ou quatro músicas de sucesso no disco da novela empurravam mais três ou quatro, graças ao interior do país (SULLIVAN apud BRYAN; VILLARI, 2014, p. 178)

Outro compositor, Ivan Lins, complementa a opinião de Sullivan e afirma que o poder da telenovela é tão grande que não existe gênero musical que não possa fazer sucesso em trilhas.

A novela tem esse poder de aliar melodia, letra, arranjo, com a situação que se passa. Ou seja, quando a música está apoiando e dando mais calor a uma cena com a qual as pessoas se identificam, isso faz com que qualquer canção se torne imbatível no gosto do público. Por isso, não existe canção que não seja comercial, mas, sim, que não foi apresentada de maneira adequada. A novela *Bravo!*, por exemplo, só teve música erudita, e nunca se vendeu tanta música clássica no Brasil quanto na época da novela. Tudo depende de como a música é apresentada. (LINS apud BRYAN; VILLARI, 2014, p. 179)

A partir dessa noção, o número de vendagem das trilhas nacionais que não ultrapassavam de 20 mil cópias, enquanto antes as internacionais vendiam no mínimo dez vezes mais, passaram a ter o mesmo número de vendas ou ainda maior do que as internacionais.

A novela *Estúpido Cupido*, de autoria de Mário Prata, foi ao ar em 1976 na faixa das 19 horas. A trama era ambientada na cidade fictícia de Albuquerque, localizada no Rio de Janeiro, e basicamente seu enredo abordava o comportamento da juventude da década de 1960. O produtor Guto Graça Mello, mais uma vez, foi o encarregado de produzir o disco.

Estava indo para uma reunião com o Boni para falar dessa novela. Por uma dessas coincidências da vida, senta ao meu lado Tony Campello. Viemos batendo papo e perguntei: “E tua irmã Celly, o que é feito dela?” “Está em Campinas. Virou dona de casa. A gente faz um showzinho aqui, outro ali”. E ele disse: “Podia inventar alguma coisa. Juntar a turma dessa época”. Cheguei no Rio, entrei na sala do Boni e sugeri o nome da novela: “Estúpido Cúpido”. E o Boni: “Era nisso que tava pensando” (...). E resultou na maior vendagem, recorde absoluto até então, e a música realmente ajudava a contar aquela história. Foi um marco. (MELLO apud BRYAN; VILLARI, 2014, p. 229-230)

A trilha nacional de *Estúpido Cupido* era uma seleção do rock nacional da década anterior, sem nenhuma faixa inédita. Vendeu mais de 750 mil cópias e foi um recorde na época. Novamente, é importante ressaltar que o mercado das vendas de discos no Brasil estava no auge e esse fator contribuiu para esse número.

Outro tema de abertura marcante foi da novela *Saramandaia*, a música “Pavão Misteriozo”, interpretada pelo cantor Ednardo e faixa do LP “O romance do Pavão Misteriozo”. A canção foi “inspirada em um famoso folheto de cordel nordestino da década de 1920” (BARCINSKI, 2014, p. 29). E a figura de um pavão, animal associado à transmutação e à beleza, foi usada de forma poética para os anos de chumbo da ditadura no

Brasil. Se tornou a canção mais famosa de Ednardo, com sua letra embalada por uma melodia dolente com violas que lembram os cantadores nordestinos, além de contar com uma percussão minimalista (BARCINSKI, 2014, p. 29). Após dois anos de lançamento do LP, a música então se tornou tema de abertura da novela de Dias Gomes, se encaixando perfeitamente com a trama fantástica-realista da trama.

Outra novela cujo tema da abertura “casou” perfeitamente com o que a trama retrataria foi *Dancin Days*, interpretado pelo grupo vocal As Frenéticas, que se tornou a música-tema e símbolo da era disco no Brasil.

A história da Disco Music começou um pouco antes do emblemático filme “Nos embalos de Sábado a Noite”, protagonizado pelo ator norte-americano John Travolta, com a imagem icônica vestindo um paletó branco e sua pose do braço levantando em meio à pista de dança. Sendo assim, a Disco Music tem origem nos Estados Unidos e tem influências do funk de James Brown e Stevie Wonder, da soul music de Marvin Gaye e Aretha Franklin e de outros gêneros da música negra. A luta pelos direitos dos homossexuais e das mulheres são temas recorrentes nas letras das músicas das discotecas.

Após o estrondo do filme, que propagava uma imagem contrária à história e a origem do estilo musical, ou seja, a de um homem branco e heterossexual, vários artistas despontaram nas paradas de sucesso entre os anos 1977 e 1978. Alguns artistas que despontaram nesse gênero no mundo todo e se alternavam nas paradas de sucesso foram o os irmãos Bee Gees, a banda sueca Abba, Danna Sumer, Kc and The Sunchine Band, e o sexteto Village People.

Aqui no Brasil, a Disco Music chegou quando, em agosto de 1976, Nelson Motta abriu, dentro de um shopping na Gávea, bairro da Zona sul do Rio de Janeiro, a boate “Frenetic Dancin’Days”. O local ficou aberto por apenas quatro meses, mas foi o suficiente para marcar a vida noturna da cidade. Lá, surgiu o grupo símbolo desta era no país, o sexteto “As frenéticas”, composto por Leiloca, Edyr, Lidoka, Regina, Nega Dudu e Sandra Pêra. Anteriormente, as cantoras eram garçonetes da casa.

Quase dois anos depois dessa inauguração, a Rede Globo estreia a novela “Dancin Days”, de autoria de Gilberto Braga. O tema de abertura, com o mesmo nome da novela, foi composto por Rubem Barra juntamente com o próprio Nelson Motta e foi interpretado pelas Frenéticas.

As bases foram feitas em um estúdio em Los Angeles, com o produtor e arranjador John D’Andrea e um excelente time de músicos de estúdio. Entre eles estavam o baterista Jeff Porcaro, da banda Toto, o grade percussionista brasileiro Paulinho da Costa, e o

guitarrista Jay Graydon, que trabalhava com a notória cantora americana Diana Ross e com o grupo musical Jackson Five (BRYAN; VILLARI, 2014, p. 97). O investimento compensou, porque a faixa “Dancin’ Days” foi o maior destaque da trilha nacional e se tornou um dos temas de abertura de telenovelas mais lembrados até hoje.

Na década seguinte, assim como a novela *Carinhoso* de 1973, muitas músicas preexistentes passam a dar nome as novelas como: *Baila Comigo*, de 1981, e *Ti Ti Ti*, de 1985, ambas compostas por Rita Lee; “Pai”, de Fábio Júnior, para a novela *Pai Herói*; *Coração Alado*, um verso da música “Noturno” do cantor Fagner; *Feijão Maravilha*, da música de Gonzaguinha, “O preto que Satisfaz”.

Após dez anos da primeira versão ter sido censurada pela ditadura militar, a novela *Roque Santeiro*, escrita por Dias Gomes com a colaboração de Aguinaldo Silva, foi televisionada e foi uma das mais bem sucedidas tramas da teledramaturgia brasileira.

O produtor musical Mariozinho Rocha foi quem fez a seleção das músicas que iriam fazer parte do álbum. A canção “Dona”, composta pela dupla Sá e Guarabira em 1982, é um dos grandes destaques.

Foi uma musica desclassificada no (festival) MPB 80. Achei a música linda e guardei. Pensei: “Um dia vou precisar”. Eu faço isso. Aí pedi ao Roupa Nova para gravar. Eles não queriam. De jeito nenhum. Eu enchi tanto o saco que eles fizeram como um favor pessoal pra mim. (ROCHA apud BRYAN; VILLARI, 2014, p. 430)

Um dos integrantes da banda, Ricardo Feghali, confirma o que Mariozinho disse: “O Mariozinho forçou tanto a barra para a gente gravar. Gravamos e virou uma das músicas mais importantes da nossa carreira. Tanto que todo mundo se lembra de ‘Dona’, mas, do tema de abertura pouca gente se lembra” (FEGHALI apud BRYAN; VILLARI, 2014, p. 430).

“Mistérios da meia-noite”, com Zé Ramalho; “De Volta pro meu aconchego”, de Elba Ramalho; “Chora Coração”, com Wando; “ABC do Santeiro” e “Verdade e Mentira”, com Sá e Guarabira; “Isso aqui tá bom demais”, de Dominginhos, e o tema de abertura “Santa Fé”, com Moraes Moreira, são algumas das canções de maior sucesso da novela.

Teve ainda um segundo disco com trilha nacional, e era a primeira vez que esse segundo lançamento acontecia na emissora. Destacam-se as canções “Mil e Uma Noites de Amor”, com Pepeu Gomes; “Vitoriosa”, de Ivan Lins; e o samba “Malandro Sou Eu”, com Beth Carvalho. Mariozinho Rocha completa, sobre essa segunda trilha nacional, que a novela “era uma temática tão brasileira que ficaria falso ter um disco internacional” (ROCHA apud BRYAN; VILLARI, 2014, p. 434).

Se a inserção de músicas nas telenovelas interpretadas por artistas conhecidos do grande público elevava a carreira dos mesmos, o mesmo ocorria no caso dos cantores desconhecidos, que ganhavam notoriedade diante do público e passavam a se destacar no mercado fonográfico.

A novela *O Outro*, de Aguinaldo Silva, foi exibida no horário nobre em 1987. A abertura tinha imagens aceleradas de pessoas andando nas ruas da cidade do Rio de Janeiro, com a canção “Flores em você” da banda paulista “Ira!” ao fundo. Liminha, que era produtor musical da gravadora Warner e também produtor do conjunto, em uma reunião com o Boni mostrou a canção que, posteriormente, foi aprovada. O guitarrista Edgar Scandurra afirma a importância de ter uma música na novela:

A música funcionou porque a novela tinha um quê de misticismo e “Flores em Você”, de certa forma, também tem. Foi importante porque não existe divulgação melhor do que ter sua música como tema de uma novela de horário nobre da Rede Globo, e ainda por cima, sem guitarra, sem baixo ou bateria, só violinos e violoncelos, muito chic. (SCANDURRA apud BRYAN; VILLARI, 2014, p. 459)

Outra canção de destaque foi “Retratos e Canções”, interpretada pela cantora Sandra de Sá, tema dos personagens de Cláudia Abreu e Marcos Frota. “Foi tão importante que até hoje o Marquinhos, a Claudinha e eu temos uma amizade legal (...). Eu, no começo de carreira ainda, fiquei toda emocionada. Feliz da vida. E até hoje é uma música que rola muito e bem” (SÁ apud BRYAN; VILLARI, 2014, p. 459).

No mesmo ano, outro tema de abertura teve grande êxito. A trama *Brega e Chique*, de Cassiano Gabus Mendes, foi ao ar no horário das sete da noite. “Pelado”, da banda Ultraje a Rigor, que foi tema de abertura da novela. O vocalista Roger Moreira afirma como a música foi importante na carreira da banda e ajudou a divulgar o trabalho do conjunto:

Na abertura aparecia um cara pelado (o modelo Vinícius Manne) e a censura obrigou a botar uma folhinha para tapar a nudez. (...) Essa música foi importante porque realmente foi a única que fez com que o nosso público ficasse mais amplo, já que todo mundo viu essa novela. (MOREIRA apud BRYAN; VILLARI, 2014, p. 463)

Ainda no mesmo ano, substituindo a novela *O Outro*, estreava *Mandala*, de Dias Gomes. O enredo principal era protagonizado pela atriz Vera Fisher, que interpretava Jocasta, uma mulher que se apaixona pelo jovem Édipo (Felipe Camargo) e depois descobre que ele era seu filho desaparecido.

A canção mais marcante da trilha e que imediatamente remete a trama é “O amor e o Poder”, interpretado por Rosana. A música, que era tema da personagem principal, é uma

versão de “The Power of Love”, gravado pela cantora Jennifer Rush em 1985. A letra recebeu a versão de Cláudio Rabello. O responsável pelo álbum foi Max Pierre e ele lembra que “quando eu mostrei a trilha para o Dias Gomes, ele a aprovou inteira e queria na abertura ‘O amor e o poder’, mas quando soube que era uma versão, falou: ‘Não. Isso é contra tudo o que eu luto, mas esse é o tema da Jocasta’. E assim ficou” (PIERRE apud BRYAN; VILLARI, 2014, p. 467).

Essa música tocou de forma exaustiva nas rádios, fazendo com que muitos a considerassem um “hino trash”, devido ao seu arranjo com “exageros instrumentais e vocais” (BRYAN; VILLARI, 2014, p. 268).

O ano de 1988 foi um ano decisivo para o país: saiu a nova Constituição e, nesse contexto, estreava um dos maiores sucessos da teledramaturgia: a novela *Vale Tudo*, escrita por Gilberto Braga e Aguinaldo Silva, com a colaboração de Leonor Bassères, no horário nobre. O jornalista Nilson Xavier lembra que a trama tinha “uma crítica social ao país a partir de uma pergunta comum a milhões de brasileiros: ‘Vale a pena ser honesto no Brasil de hoje?’” (XAVIER apud BRYAN; VILLARI, 2014).

Com essa indagação e provocação, “nunca um tema de abertura de novela foi tão pungente e desaforado” (BRYAN; VILLARI, 2014), sendo o maior destaque da trilha a música “Brasil”, que foi composta por Cazuza, George Israel e Nilo Romero e interpretada pela cantora baiana Gal Costa, gravada especialmente para a trama: “eu gravei como uma espécie de protesto, com essa intensidade” (COSTA apud BRYAN; VILLARI, 2014).

A seleção de músicas foi feita pelo produtor Max Pierre, pelos diretores Daniel Filho e Dennis Carvalho e pelo autor Gilberto Braga. Outra canção de Cazuza que também entrou na trama, dessa vez interpretada pelo próprio cantor, foi “Faz Parte do Meu Show”, música que embalou o casal Afonso e Solange (interpretados pelos atores Cássio Gabus Mendes e Lídia Brondi). Sobre essa escolha, o autor Gilberto Braga afirma que houve contradição até chegarem no acordo:

Lembro que o Cazuza tinha lançado um disco e o Max Pierre trouxe uma música chamada “Minha Flor Meu Bebê”. Eu não gostei, achava frágil e pensei: “Não é possível que no disco do Cazuza não tenha nada mais forte”. Aí quando veio para mim a fita inteira do álbum do Cazuza é que eu ouvi “Faz Parte do Meu Show”. O Max Pierre tinha chegado a falar que não queria, porque era uma música que não ia tocar em rádio, que executaria “Minha Flor Meu Bebê”. Eu disse que achava um absurdo a TV Globo botar na novela a música que o rádio vai tocar. O rádio é que tem tocar a música que a gente escolher. (BRAGA apud BRYAN; VILLARI, 2014, p. 480)

A canção fez bastante sucesso e tornou-se a música mais ouvida no rádio no ano de 1988, e um dos maiores sucessos na carreira de Cazuza.

A trama que sucedeu *Vale Tudo* foi a novela *O Salvador da Pátria*, de Lauro César Muniz. Seu enredo principal era sobre o boia-fria analfabeto Sassá Mutema (interpretado por Lima Duarte), que desenvolve uma paixão pela professora Clotilde (interpretada por Maitê Proença). A canção “A lua e a flor”, cantada pelo compositor Oswaldo Montenegro, embalou o casal e se tornou um dos maiores sucessos da trilha da novela e da carreira do músico. Ele lembra-se de uma cena que o marcou muito: “O Sassá Mutema libertava um pássaro e a música tocava. Eu me emocionei muito com a interpretação do Lima Duarte. Ele não precisava da minha música, mas ela precisou muito dele” (MONTENEGRO apud BRYAN; VILLARI, 2014, p. 489).

Outro grande sucesso foi “Bem que se quis”, versão de Nelson Motta para “E po’ che fa”, de Pino Daniele, gravado pela cantora Marisa Monte. Foi tema da paixão entre Severo e Bárbara, interpretados pelos atores Francisco Cuoco e Lúcia Veríssimo.

Quando terminei a letra, mostrei à Marina, mas ela não quis gravar. Comecei a trabalhar com a Marisa Monte, ofereci a música a ela, que adorou e passou a cantar nos shows. Aí a própria Marina, que não quis gravar, mostrou a música para a Lúcia Veríssimo. A Lúcia adorou, foi no Paulo Ubiratan, que era o diretor da novela, e peitou: “Quero que essa música seja meu tema”. E quem ia discutir com Lúcia Veríssimo? (MOTTA apud BRYAN & VILLARI, 2014, p. 490)

Essa canção foi a mais ouvida nas rádios no ano de 1989 e fez com que Marisa Monte se projetasse nacionalmente.

4.4 ANOS 1990 E ANOS 2000: MUDANÇAS NA INDÚSTRIA FONOGRÁFICA

No final da década de 1980, o Brasil se encontrava em uma crise econômica por causa dos planos Cruzados que não diminuíram a inflação. Por isso, a década de 1990 começava com a economia instável afetando todos os setores.

O desequilíbrio econômico do país, com sucessivos planos governamentais que não obtiveram êxito — o Plano Cruzado (1986) e os Planos Collor I e II (1990 e 1992 respectivamente) —, associados à instabilidade política que culminaria com o impeachment do presidente Fernando Collor, jogou a indústria fonográfica nacional na mais grave crise que o setor já havia presenciado. (FENERICK, 2007, p. 128)

Neste período, a indústria fonográfica mundial estava passando por uma evolução tecnológica digital, fato devido principalmente à chegada do computador: “Seguiu-se uma série de novos meios de comunicação, todos baseados na tecnologia digital. São esses os casos da Internet, das TVs a cabo ou por assinatura (pay per view), do CD, do DVD, do DAT, do MP3 e MP4 e do mini-disk” (FENERICK, 2007, p. 128).

Após sucessivas crises econômicas das décadas anteriores (1970 e 1980) sem o sucesso de planos econômicos, em 1994, no governo do presidente Itamar Franco, há a implantação do Plano Real. Com isso, as crises diminuíram e “por volta de 1995, o Brasil voltou a ocupar uma posição de destaque no mercado mundial da música — o 7º lugar na classificação geral, com 71 milhões de unidades vendidas” (FENERICK, 2007, p. 134). Na mesma época, a chegada do “compact disc” (“disco compacto”, tradução livre), o CD, substituiu os LPs definitivamente no mercado, com a exceção de colecionadores.

Essa inovação tecnológica, juntamente com a volta da estabilidade econômica, se refletiu na vendagem das trilhas das novelas. No ano de 1996, ia ao ar no horário nobre a telenovela *O Rei do Gado*. Escrita por Benedito Ruy Barbosa, a trama principal narrava a disputa de duas famílias italianas por posses de terras: os Berdinazzi e os Mezenga. A questão da reforma agrária também foi abordada. Em meio a esse cenário rural, a música sertaneja também esteve presente com os personagens Pirilampo e Saracura, que eram uma dupla sertaneja em busca do sucesso. Os dois eram interpretados pelos cantores Almir Sater e Sérgio Reis, “músicos conhecidos em todo o país como representantes do gênero sertanejo, estavam presentes como personagens violeiros, muito semelhantes ao que são na vida real” (FARIA, 2012, p. 39). , p. 39).

É de total relevância lembrar que a década de 1990 foi a época em que a música sertaneja teve o seu auge com as duplas Leandro e Leonardo, Chitãozinho e Xororó, Zezé di Camargo e Luciano, João Paulo e Daniel, entre outras.

A trilha sonora da novela teve a grandes artistas embalando as canções, como as duplas Leandro e Leonardo com a música “Doce Mistério”, tema do casal Lia e Pirilampo (interpretados, respectivamente, por Lavínia Vlasak e Almir Sater). “Coração Sertanejo”, nas vozes de Chitãozinho e Xororó, e “Sem Medo de ser feliz”, de Zezé di Camargo e Luciano, também figuravam na trilha. O tema de abertura, que também é bem lembrado na memória popular, ficou na voz da Orquestra da Terra e com nome da canção homônimo ao da novela.

Só a trilha da novela *O Rei do Gado* (Rede Globo — 1995-1996) vendeu, em sessenta dias de mercado, cerca de 1,58 milhão de cópias, apresentando cantores consagrados do cenário brasileiro, por suas grandes vendagens: Daniela Mercury,

Chitãozinho e Xororó, Leandro e Leonardo, Djavan, Roberta Miranda etc. Dados do final de 1996 mostram que tal disco chegou à marca de 2,5 milhões de cópias vendidas (...). (DIAS apud FENERICK, 2007, p. 135)

A trilha sonora de *O Rei do Gado* foi a mais vendida na história da teledramaturgia brasileira, passando a marca de dois milhões de cópias. Sem o uso da música sertaneja, que estava fazendo muito sucesso no momento, o CD dificilmente teria o mesmo êxito. Em relação ao fato de a música que toca na novela estar de acordo com o que toca no rádio, o cineasta Del Rangel (RANGEL apud RIGHINI, 2004, p. 104) considera que é algo decisivo colocar o que está fazendo sucesso na trilha. “Quem ‘puxa’ é o nome que está fazendo sucesso. A trilha sonora da novela está ligada irremediavelmente ao sucesso fonográfico do momento. Não adianta colocar Caetano Veloso cantando, se quem está fazendo sucesso é o Netinho; e quem vai vender disco é o Netinho.”

Em dois anos consecutivos, duas novelas do horário das seis da tarde na TV Globo foram *remakes*, e as músicas das trilhas traziam alguma canção marcante da primeira versão. A primeira foi *Anjo Mau*, no ano de 1997. Desta vez, a trama, que foi originalmente escrita por Cassiano Gabus Mendes, teve a autoria de Maria Adelaide Amaral e Bosco Brasil. A canção “Meu mundo e nada mais”, cantada por Guilherme Arantes, voltou a ser tema do mesmo personagem, Rodrigo, interpretado nesta versão por Kadu Moliterno. Em seguida, foi exibida *Pecado Capital*, em 1998, de autoria de Glória Perez. Duas músicas da trilha original também estavam presentes na trama; o tema de abertura, “Pecado capital”, desta vez cantado pelo grupo de pagode Só Pra Contrariar, e “Juventude Transviada”, tendo o mesmo intérprete, o cantor Luiz Melodia.

Segundo Righini (2004), a criação de trilhas sonoras para as telenovelas é algo relativo, como sendo uma coletânea de sucessos do momento que coincidentemente se encaixam no perfil do personagem. O diretor de TV Del Rangel é enfático em afirmar que não se compõe mais especificamente para telenovelas:

Não há trilha! É uma representação do sucesso fonográfico do momento. O que se toca hoje: pagode? Então a trilha é pagode! Isso quer dizer, não há trilha! Existem as incidentais, que vão mais para o lado americano (...). Eles lançam dois discos: a trilha nacional e, a partir da metade da novela, a trilha internacional, que são duas maneiras de vender disco. Então não há trilha! (...) Não se compõe para novela. A trilha da novela é uma coletânea de sucessos do momento, ou coletânea dos sucessos do passado tocados e cantados por músicos de sucesso (...). (RANGEL, 2000 apud RIGHINI, 2004, p. 97)

Uma das exceções desta fala é a novela *Terra Nostra*, de Benedito Ruy Barbosa, exibida no horário nobre em 1999, na TV Globo. A trama principal é sobre a vinda dos imigrantes italianos para o Brasil. O tema de abertura “Tormento d’ Amore” é cantado por Aguinaldo Rayol e Charlotte Church. A trilha sonora toda é de canções italianas com interpretações de cantores nacionais como José Augusto, Sandy e Júnior e Zizi Possi, mas também conta com a participação de cantores italianos, como Mafalda Minnozzi. A novela teve outra trilha sonora, contendo somente canções italianas, e uma outra trilha complementar produzida por Marcus Vianna. A novela *Esperança* (2002), do mesmo autor, traz a música de abertura “Speranza”, cantada pela italiana Laura Pausini.

4.5 A TELENOVELA PROMOVE A ASCENSÃO DE CANTORES

Segundo Faria (2012), “é através da participação em trilhas sonoras de telenovelas que tem ocorrido a ascensão de cantores, antes desconhecidos, no cenário musical nacional. Por outro lado, detecta-se também a presença constante, nessas trilhas, de artistas já conhecidos do público.” Alguns exemplos de cantores ou conjuntos musicais que passaram a ser conhecidos por suas músicas fazerem parte de alguma novela na TV Globo são Déborah Blando, com a música “Unicamente” como parte da novela *A indomada* (1997), de Aguinaldo Silva exibida no horário das 21 horas; a trama seguinte do mesmo ano, *Por Amor*, de Manoel Carlos, teve em sua trilha uma das músicas mais lembradas da novela: “Palpite”, que revelou a cantora Vanessa Rangel; sua canção acabou sendo classificada como a segunda mais tocada do ano. A banda gaúcha Papas da Língua teve a música “Eu sei” na trama de Manoel Carlos, *Páginas da Vida* (2006), alcançando projeção nacional. A cantora Paula Fernandes já havia duas trilhas sonoras em novelas (*América*, em 2005, e *Páginas da Vida*, em 2006), mas foi com a música “Jeito de mato”, parte da novela *Paraíso* (2009) e tema do casal protagonista, que ela ganhou maior visibilidade.

Outra cantora que também após ter uma música na novela passou a ser conhecida nacionalmente foi Maria Gadú, com “Shimbalaiê”, parte da novela *Viver a Vida* (TV Globo, 2010), de Manoel Carlos. A banda de forró Calcinha Preta aumentou sua notoriedade com a música “Você não vale nada”, tema de Norminha, personagem de Dira Paes em *Caminho das Índias* (TV Globo, 2009). A paraense Gaby Amarantos, já conhecida nas regiões Norte e Nordeste, teve sucesso nacional com “Ex-My Love”, tema de abertura da novela *Cheias de Charme* (TV Globo, 2012). Outro exemplo ainda mais recente é do cantor e compositor sertanejo Gabriel Valim, que ganhou notoriedade quando a música “Piradinha” embalava a confusões da divertida personagem Valdirene (Tatá Werneck) em *Amor à Vida* (2013), trama

de Walcyr Carrasco das 21 horas. A canção ocupou a 23ª posição das mais ouvidas no mesmo ano.

Em uma reportagem do portal UOL, publicada em 4 de dezembro de 2013, aborda-se o tema da produção musical. É explicado que os produtores musicais recebem as sinopses dos folhetins com quatro meses de antecedência e, a partir disso, começam as pesquisas com inúmeras músicas, até encontrar a mais adequada para o personagem. O produtor musical Iuri Cunha, responsável pela seleção das músicas de *Amor à Vida*, comentou sobre o processo de escolha das canções para os personagens

Reforçamos o contexto da história, não é uma escolha aleatória (...). Às vezes, começamos a trabalhar na trilha sem saber quem será a atriz que vai interpretar aquele personagem. No caso do personagem da Tatá [Valdirene], quem ia fazer era a Ingrid Guimarães. Sai um, entra outro, troca a música. A Ingrid jamais faria do mesmo jeito que a Tatá. A música precisa ser outra. (UOL, 2013)

Na mesma reportagem, outro produtor musical, Eduardo Queiroz, responsável pela seleção da trilha da novela “Além do Horizonte” (2013, de autoria da dupla Carlos Gregório e Marcos Bernstein), explica o processo de criação das músicas: “Juntamos um monte de ideias e traçamos um perfil. Se aquela história precisa de uma música animada, então vamos procurar uma cara mais alternativa, ou vamos em busca de algo mais popular”.

O doutor em Teledramaturgia, Mauro Alencar, em entrevista concedida à autora em 06 de maio de 2015, destaca outro exemplo, este mais atual sobre cantores ou grupos desconhecidos que obtiveram reconhecimento com músicas em novelas: “Apesar de surgida no programa Superstar, a banda Malta conquistou sucesso ainda maior quando a música ‘Diz pra Mim’ foi selecionada como tema do par romântico central de *Alto Astral*, afirmou, se referindo à telenovela das 19 horas de autoria de Daniel Ortiz, exibida entre novembro de 2014 e maio de 2015.

Há também o fenômeno inverso: os artistas já conhecidos que estão em trilhas e as suas canções que também alcançam sucesso. São vários exemplos que podem ser citados, como: “Per Amore”, canção italiana interpretada por Zizi Possi, tema do casal protagonista Helena e Atílio (interpretados por Regina Duarte e Antônio Fagundes), da novela do horário nobre *Por Amor* (1997), de autoria de Manoel Carlos; “Sozinho”, canção composta por Peninha e regravada por Caetano Veloso, tema de *Suave Veneno* (TV Globo, 1999, de Aguinaldo Silva), ficou em primeiro lugar nas rádios daquele ano. Os Tribalistas, conjunto formado por Carlinhos Brown, Marisa Monte e Arnaldo Antunes, teve uma das canções mais lembradas da novela *Mulheres Apaixonadas* (TV Globo, 2003), a música “Velha Infância”, tema do casal Cláudio e Edwiges (interpretados, respectivamente, por Erik Marmo e Carolina

Dieckmann). A cantora Alcione com “Meu ébano”, tema do simpático personagem Feitosa, vivido pelo ator Ailton Graça na novela *América* (2005), obra das 21 horas de Glória Perez. O grupo de pagode Sorriso Maroto com a música “Assim você mata o papai”, tema dos personagens Leleco e Tessália (interpretados por Marcos Caruso e Débora Nascimento) em *Avenida Brasil* (2012), novela das 21 horas de João Emanuel Carneiro, alcançou o 28º posição entre as 100 músicas mais tocadas do ano. Já a novela *Salve Jorge* (TV Globo, 2012-2013) tinha na sua trilha a canção mais executada do ano, “Esse cara sou eu”, do cantor Roberto Carlos, tema dos personagens Théo e Morena (Rodrigo Lombardi/Nanda Costa). Essa última música foi lançada após um hiato de mais de cinco anos, sem Roberto Carlos divulgar nenhuma música inédita.

No Especial da TV Globo, exibido no dia 25 de abril de 2015 em comemoração aos 50 anos da emissora, foram lembradas algumas canções que marcaram as suas telenovelas, sendo cada uma interpretada por cantores diferentes: Manu Gavassi cantou “Teletema” (*Vende-se um véu de noiva*, 1970); Gaby Amarantos, “Ex-My Love” (*Cheias de charme*, 2012); Ednardo, “Pavão Misterioso” (*Saramandaia*, 1976); Latino, “Me chama que eu vou” (*Rainha da Sucata*, 1990); Roupas Nova, “Dona” (*Roque Santeiro*, 1985); Thiaguinho, *Pecado Capital* (*Pecado Capital*, 1975); Marti’nália, “Pra que chorar” (*Babilônia*, 2015); Paulo Ricardo, “Brasil” (*Vale tudo*, 1988), e Gustavo Lima interpretou “Vem Dançar Contudo” (*Avenida Brasil*, 2012).

5 AS CANTORAS DE JUIZ DE FORA E SUAS PROJEÇÕES NA TELENOVELA

As intérpretes Ana Carolina e Myllena têm fatores comuns em relação à vida profissional: começaram as carreiras na cidade de Juiz de Fora, tocando em barzinhos; e aprenderam a tocar violão sozinhas, mesmo tendo poucas aulas e experiência.

Ambas foram estudantes da Universidade Federal de Juiz de Fora, Myllena estudou e se formou em Medicina; Ana Carolina cursou a faculdade de Letras.

O ano de 1999 também foi marcante para ambas: Myllena começou a carreira e Ana Carolina lançou o primeiro CD por uma grande gravadora, a BMG Brasil.

Outro fator evidente foi relacionado às novelas nas quais suas músicas foram inseridas pela primeira vez; nos dois casos, foram tramas das 19 horas na TV Globo. Ana Carolina estreou musicalmente em 1999, na trilha de *Andando nas nuvens*, de Euclides Marinho; e Myllena, dez anos mais tarde, fez o mesmo com a novela *Caras e Bocas*, de Walcyr Carrasco.

Ana Carolina, no ano de 2009, deu uma entrevista ao extinto quadro “Segue a Trilha”, do programa Vídeo Show, e ressaltou a importância das músicas na carreira de cantores para a divulgação: “Eu acho que a coisa mais importante pra música brasileira chama-se novela. Novela atinge, sei lá, 70 milhões, 80 milhões de casas brasileiras, e mantêm a musica popular brasileira ali, tocando as músicas da MPB.”

Myllena também discorreu sobre o assunto, enfatizando como as canções nas novelas ajudam o artista que a interpreta, uma vez que marcam a vida do público.

As músicas dos personagens com os quais o público se identifica acabam virando trilha da vida das pessoas! Quem trabalha com a carreira musical quer exatamente isso! Não há prêmio, divulgação ou execução que dê mais sensação de dever cumprido que ouvir de alguém: “Essa é a minha música com fulano(a)! Esse é o fundo musical da nossa história.” (Em entrevista concedida à autora em 28 de maio de 2015)

Nos sub-itens seguintes, discorreremos de forma detalhada a trajetória das cantoras, desde o começo de suas carreiras até a chegada de suas canções nas novelas, e os desdobramentos após a primeira inserção.

5.1 ANA CAROLINA

A cantora Ana Carolina Souza, conhecida somente como Ana Carolina, é natural da cidade de Juiz de Fora, interior do estado de Minas Gerais. Aos 12 anos ganhou o primeiro violão de sua mãe, e aprendeu a tocar o instrumento sozinha. Começou a carreira artística tocando em bares da cidade.

Cursou Letras na UFJF, instituição onde também na Faculdade de Comunicação chegou a participar da Rádio Facom, cantando na emissora.

Em entrevista ao programa “Viva o Sucesso”, do canal por assinatura “Viva”, exibido no dia 7 de dezembro de 2013, a cantora revelou que começou a tocar nos bares ainda menor de idade, com 16 anos: “Eu falava que tinha 18 anos pra todo mundo”. Na mesma entrevista, Ana Carolina relata que, após fazer uma apresentação na casa de shows “Hipódromo Up”, na cidade do Rio de Janeiro, conversou com a filha do poeta Vinicius de Moraes, Luciana de Moraes. Depois de um breve tempo, Ana foi contratada pela gravadora BMG.

Chegou uma hora em que fiz show no Mistura Fina e no Hipódromo Up, A Luciana de Moraes foi lá e assistiu, me perguntou: “Você não tem nenhum cd aí não”. Aí eu tinha um cd gravado num estúdio lá de Juiz de Fora. Ela gostou, o CD foi passando por vários produtores, (...) enfim fui contratada pela BMG. (VIVA O SUCESSO, 2013)

Após lançar o primeiro disco da carreira pela BMG, ela contou que foi chamada pela direção da gravadora e eles explicaram que, para a melhor divulgação de seu trabalho, ela deveria participar de alguns programas de TV, para ficar mais conhecida do grande público e aumentar a vendagem do CD.

Me chamaram na BMG, fiquei com medo porque eu tinha acabado de lançar o disco. Aí [o diretor da gravadora] me falou: “Olha, começa devagar mesmo, a gente vai fazer alguns programas de televisão, por exemplo, seu disco vendeu 5 mil cópias”. Quando ele falou 5 mil eu fiquei igual uma banana falando 5 mil pessoas tem esse disco, eu achei aquilo impressionante. (VIVA O SUCESSO, 2013)

Após a participação nos programas sugeridos pelo diretor da gravadora, a música “Garganta”, composta por Antônio Villeroy, entrou para a trilha sonora da novela *Andando nas Nuvens*, de Euclides Marinho, em 1999, no horário das sete da noite.

O enredo principal era sobre o jornalista Otávio Montana (interpretado por Marcos Nanini), que após um acidente no ano de 1981, fica 18 anos em coma com encefalite letárgica (também conhecida como “a doença do sono”), até que um milagre da medicina permitiu a sua recuperação. Portanto, as suas últimas lembranças são do ano de 1968. Ele não sabe que tem três filhas: Júlia (Debora Bloch), Beth (Viviane Pasmanter), e Celi (Mariana Ximenes). Além dessa surpresa, muitas confusões e descobertas marcam o arco do personagem principal e todos os outros enredos.

A canção de Ana Carolina foi tema da personagem Júlia (Débora Bloch), filha mais velha de Otávio. Ela é jornalista como o pai, é bem-humorada, de bom caráter. Tem um romance atribulado com Chico Mota (Marcos Palmeira), os dois são jornalistas que competem entre si e, mesmo quando descobrem que se amam, não se rendem e continuam a implicância mútua.

Após a canção ter sido inserida na trama e ser tema de uma das personagens principais, a cantora relatou, ainda na mesma entrevista, o aumento da vendagem do disco de estreia e o reconhecimento que recebeu do público.

Depois eu tinha feito os tais programas que [o diretor da BMG] tinha me dito, e a música [Garganta] tinha entrado na novela *Andando nas nuvens*, e daí depois deu seis meses e o disco tinha vendo 100 mil cópias (...). A primeira vez que eu saquei isso [o reconhecimento] eu tava descendo as escadas do prédio, e tinha umas 30 crianças atrás de mim [gritando] “Minha garganta estranha”. Foi sensacional. (VIVA O SUCESSO, 2013)

No site “O Dia”, uma matéria foi publicada no dia primeiro de junho de 2013 sobre a cantora Ana Carolina e suas músicas em trilhas de novelas. Até a data da publicação, ela totalizava 22 canções em trilhas de novelas. A cantora afirmou que “Garganta” tinha uma identificação muito grande com a personagem. “Ela era uma menina arretada, poderosa mesmo! O verso ‘tô te dando linha pra depois te abandonar’ combinava!” (SOUZA, 2013).

Foi exibida, no dia 18 de abril de 2015, uma edição especial sobre Ana Carolina do programa “Carona”, da TV Integração (afiliada a Rede Globo em Minas Gerais). A apresentadora Cecília Ribeiro comentou sobre o fato de que várias músicas da artista fazem parte de trilhas de novelas, e perguntou para Ana se ela se surpreendeu com a repercussão de alguma música e com o desenvolvimento da mesma com o personagem. A cantora disse que

“Garganta” foi a primeira e grande surpresa e se lembrou da primeira vez que ouviu a canção na novela.

Ontem eu estava falando com a Débora Bloch sobre isso. Débora Bloch foi a primeira atriz a ser personagem de uma música, “Garganta”. Eu me lembro de tá em Juiz de Fora sentadinha assim, e aí começou a novela e apareceu um clipe. “Garganta” tocou quase toda. E ela [a personagem Júlia] tava entrando num shopping, ou numa casa, não me lembro, toda marrenta, decidida. Eu tava falando com ela [Débora Bloch] ontem, passaram 15 anos e a gente tá aqui, ela falou: “Nossa, a música é muito boa, foi muito legal essa novela” (...). Foi uma honra pra mim ter começado assim já com a primeira música de trabalho estando numa novela. Uma novela com Débora, com [Marcos] Nanini, com pessoas sensacionais, foi uma verdadeira honra, e que bom continuar. (CARONA, 2015)

O doutor em Teledramaturgia Brasileira e Latino-Americana pela USP e autor do livro “A Hollywood Brasileira – Panorama da Telenovela no Brasil”, Mauro Alencar, discorre o porquê de algumas músicas serem tão marcadas e fazerem grande sucesso, e até que ponto a telenovela ajuda na carreira do intérprete. ele destaca alguns cantores dentre eles Ana Carolina como um dos exemplos bem sucedidos. Ele destaca alguns cantores, dentre eles, Ana Carolina como um dos exemplos bem sucedidos:

Quando há um casamento perfeito entre música e personagem, a novela serve também como um divulgador do trabalho do cantor. São inúmeros os casos de cantores que surgem para o Brasil após representarem musicalmente os personagens: Fafá de Belém e Djavan em *Gabriela*; Wando em *Pecado Capital*; Simone, com o seriado *Malu Mulher*; Marisa Monte em *O Salvador da Pátria*; Vanessa Rangel em *Por Amor*; e por fim Ana Carolina na trilha sonora de *Andando nas Nuvens* (MAURO ALENCAR, Depoimento a autora em 06 de maio de 2015)

Após essa primeira inserção, Ana Carolina teve outras duas músicas do seu primeiro CD em novelas globais: “Tô Saindo” e “Nada Pra Mim”. “Tô Saindo”, composta também por Antônio Villaroy, fez parte da trilha da novela *Vila Madalena*, de Walter Negrão, sucessora de *Andando nas nuvens*. “Tô saindo” foi tema da personagem Raquel, interpretada pela Luiza Tomé. Raquel era uma mulher sensual, de personalidade forte, que tomava a frente dos negócios de seu esposo Donato (Mário Gomes). Eles tinham um restaurante em que ela era a real responsável pelo bom funcionamento do local. Vivia ameaçando abandonar o trabalho, mas não resiste ao marido e acabava sempre ficando.

Já “Nada pra mim” foi tema da sétima temporada de *Malhação* (2000), escrita por Emanuel Jacobina, com a direção geral de Luiz Henrique Rios. Foi tema do casal protagonista Joana e Marcelo (interpretados, respectivamente, por Ludmila Dayer e Fábio Azevedo).

No mesmo ano (2000), no Prêmio Multishow de Música Brasileira, Ana Carolina ganhou nas categorias Cantora Revelação e Melhor Cantora, além de também ter sido indicada ao Grammy Latino na categoria de Melhor álbum de pop contemporâneo brasileiro.

No ano de 2001, a artista lança seu segundo disco pela mesma gravadora: “Ana Rita Joana Iracema e Carolina”, que emplacou três músicas em novelas: “Confesso”, “Ela é Bamba”, e um dos seus maiores sucessos, “Quem de Nós Dois”.

“Confesso” é uma canção composta pela cantora em parceria com Antônio Villeroy, que fez parte da trilha de *Coração de Estudante*, novela das 18 horas, escrita por Emanuel Jacobin. Era tema da vilã Amelinha, vivida por Adriana Esteves. Já na novela *As Filhas da mãe* (2001), de Silvio de Abreu, exibida às 19 horas, o samba-rock “Ela é Bamba” trilhou a história da guerreira e batalhadora Rosalva (Regina Casé). Mãe de quatro filhos e viúva, no decorrer da trama a personagem descobre que, além de ser traída pelo marido, é filha bastarda de um grande empresário, Fausto Cavalcante (Francisco Cuoco), que deixou uma boa fortuna para ela. Assim, ela vai brigar com as outras herdeiras para ter os mesmos direitos.

A novela *Um anjo caiu do céu*, também das 19 horas e de autoria de Antônio Calmon, trazia outra música de Ana Carolina: “Quem de nós dois”. Ela é uma versão da artista e Dudu Falcão da canção italiana “La Mia Storia Tra Le Dita”, e embalava o romance dos personagens Paulinho e Virgínia (Cássio Gabus Mendes e Débora Evelyn). Paulinho é copeiro de Selmo de Windsor (Daniel Dantas) que, após voltar de Londres e acreditar que o patrão tinha morrido, se passa por ele fingindo ser costureiro e gay, mas apaixona-se por Virgínia, sendo um desafio conquistá-la.

No mesmo ano, na premiação “Melhores do ano do Troféu Domingão”, Ana Carolina ganhou na categoria “Melhor canção de novela” com a música “Quem de nós dois”. Além disso, também foi premiada com o Troféu Imprensa na categoria de Melhor Cantora do ano de 2000.

O terceiro CD de Ana Carolina, “Estampado”, é lançado em 2003 e pela primeira vez uma canção sua embala uma novela de horário nobre. *Celebridade*, escrita por Gilberto Braga, tem a música “Encostar na Tua” como trilha da trama. A canção foi composta pela própria cantora, sendo tema de Inácio (Bruno Gagliasso), jovem sensível que se sente rejeitado pela mãe Beatriz (Deborah Evelyn) e fica traumatizado com a morte do irmão, Fábio (Bruno Ferrari), que morre em um acidente de barco, deixando-o se sentindo culpado. A música embala a paixão dele por Sandra (Juliana Knust), sobrinha de Maria Clara

Diniz (Malu Mader), protagonista da trama. A canção ficou em 22º lugar nas paradas de sucesso no ano.

No mesmo álbum, mais duas canções iriam entrar em novelas de horário nobre: “Uma louca tempestade”, composição de Antonio Villeroy e Beбето Alves, fez parte de *Senhora do Destino* (2004), de Aguinaldo Silva, tema de Lindinalva/Isabel (Carolina Dieckmann). “Pra Rua Me Levar”, composição de Ana Carolina e Antonio Villeroy, fez parte da novela *América* (2005), de Glória Perez, como tema de Júnior (Bruno Gagliasso). Em entrevista ao site “O Dia”, em 2013, a cantora comentou sobre a coincidência de ter duas músicas suas embalando personagens do ator Bruno Gagliasso: “Já cantei dois temas de personagens de Bruno Gagliasso, e ele já me perguntou até qual seria o próximo.”

Ainda no mesmo álbum, mais duas canções estariam em novelas fora do horário nobre. “Nua”, composta pela própria Ana Carolina, foi tema da novela das 18 horas, *Como uma onda* (2004), de Walther Negrão, e “Vox Populi”, tema da novela *Seus Olhos* (2004), adaptação de Ecila Pedroso veiculada no canal SBT.

Em 2006, Ana Carolina lança seu quarto álbum de estúdio, intitulado “Dois Quartos”. Duas canções deste CD duplo vão para as novelas. A primeira é “Carvão”, composta pela cantora, que foi tema do casal Ana Luisa e Lucas (Renée de Vielmond / Rodrigo Veronese), da novela de Gilberto Braga no horário nobre das 21 horas, *Paraíso Tropical* (2007).

No mesmo ano, 2007, estreou a novela das 18 horas *Desejo Proibido*, de Walther Negrão. A história se passa na década de 30, na pequena cidade fictícia de Passaperto, cidadezinha no Triângulo Mineiro. Ana (Letícia Sabatella) é esposa do coronel Chico Fernandes (José de Abreu) e sofre com a incapacidade de ter filhos. Ela é devota da Virgem de Pedra, ela encontra Laura (Fernanda Vasconcellos), num rio por um suposto milagre da Virgem. Esse caso fica conhecido na cidade e acaba despertando a curiosidade de muitos. Um dos de que se interessa é o personagem Miguel (Murilo Rosa), um padre que saiu de São Paulo para investigar os milagres da Virgem de Pedra nessa cidade, onde seu padrinho, padre Inácio (Marcos Caruso) atuava como pároco. Ao conhecer Laura, os dois se apaixonam. A música que embalava o conflituoso relacionamento de Laura e Miguel foi “Aqui”, composição de Ana Carolina com Antônio Villeroy.

Dois anos depois, a novela *Caras e Bocas* (2009), veiculada às 19 horas e escrita por Walcyr Carrasco, também conta com uma canção interpretada pela cantora. “Um dia de domingo”, com a participação de Celso Fonseca, foi tema do casal Anita e Anselmo (Danieli Haloten / Wagner Santisteban). Anita é cega e trabalha como vendedora de flores em um

restaurante sofisticado. É nesse lugar que conhece Anselmo, e ambos se apaixonam, porém, ele finge ser milionário, mas na verdade é garçom do estabelecimento. Na trama sucessora, *Tempos Modernos* (2010), escrita por Bosco Brasil, Ana Carolina interpreta a música “10 minutos”, tema da vilã Deodora (Grazzi Massafera).

Após uma pausa de três anos, a cantora lança o álbum “N9ve”, e sua música “Resta”, composta por Ana juntamente com Chiara Civello e Dulce Quintal, entrou para a trilha da novela *Passione* (2010), de Silvio de Abreu, exibida às 21 horas. Na novela *Araguaia* (2010), de Walther Negrão, das 18 horas, a música “Mais que a mim”, com participação de Maria Gadú, esteve presente na trama.

Em 2012, o álbum “Ensaio das Cores ao Vivo” traz uma faixa bônus, a música “Problemas”, que se torna tema da novela *Fina Estampa* (2011-2012), de Aguinaldo Silva, embalando o casal de personagens Esther e Paulo (Júlia Lemmertz / Dan Stulbach). O casal é apaixonado e tem um relacionamento estável, mas Esther é estéril e não abandonou o sonho de ser mãe. Ela vai contar com a médica Danielle (Renata Sorrah), que é dona de uma clínica de fertilização, para ajudar na realização desse desejo. Paulo discorda, causando desentendimentos do casal ao longo da trama.

Outras canções que também tiveram a voz da cantora figuraram em novelas como “Simplesmente Aconteceu”, em *Guerra dos Sexos* (2012), novela das 19 horas de Silvio de Abreu; “The Very Thought of You (part. Tony Bennett)”, em *Salve Jorge* (2012), novela das 21 horas de autoria de Glória Perez; “Luz Acesa”, em *Flor do Caribe* (2013), trama das 18 horas escrita por Walter Negrão; “Combustível”, em *Amor à vida* (2013), novela das 21 horas de Walcyr Carrasco, tema de Judith e Félix (Bárbara Paz / Mateus Solano).

No ano de 2014, pela primeira vez, ela interpreta uma música de abertura de novela. A regravação de “Eu Sei Que Vou Te Amar”, composição de Tom Jobim e Vinícius de Moraes, estrela *Em Família*, trama de Manoel Carlos no horário nobre das 21 horas.

No ano de 2015, a cantora está presente em duas novelas; em *Babilônia*, exibida às 21 horas e escrita por Gilberto Braga, João Ximenes Braga e Ricardo Linhares, está a música “Esperta”. Já a canção “Coisas” está em *I Love Paraisópolis*, trama das 19 horas de Alcides Nogueira. Nela, a música é tema de Margot e Benjamim (Maria Casadevall / Maurício Destri).

Em entrevista a Leão Lobo no Programa “Revista da Cidade”, da emissora TV Gazeta, exibida em 16 de abril de 2015, a cantora, após ser perguntada o porquê de todo CD que ela lança só ter sucesso, responde que o fato de ela ter muitas músicas em novela foi algo que colaborou significativamente para o sucesso dos álbuns lançados.

Olha, eu tenho muita sorte. Eu acho que a primeira coisa é ter várias canções sobretudo irem para novelas e que podem ser trabalhadas. Canções populares como “Combustível”, que estava na novela [Amor à Vida], e agora “Esperta”, que tá na novela das oito [Babilônia]. (REVISTA DA CIDADE, 2015)

Em 2015, Ana Carolina comemora 15 anos de carreira. Ao todo, foram dez álbuns, seis DVDs e mais de 5 milhões de discos vendidos. E, no total, ela conta com 25 músicas em trilhas sonoras de novela.

5.2 MYLLENA

Myllena Myllena Gusmão Varginha é natural da cidade de Itajubá, interior de Minas Gerais. Passou a infância em Carvalhos, também no interior mineiro, onde foi criada com a avó. Aos 17 anos, se mudou para Juiz de Fora para fazer Medicina.

Na Universidade Federal de Juiz de Fora, além de a cantora cursar a faculdade de Medicina, também esteve presente da Rádio Facom, participando dos radioteatros. Ela chegou a cantar nos eventos da instituição como o projeto “Domingo no Campus”.

Em entrevista ao Programa Pânico da Rádio paulista Jovem Pan, em 24 de abril de 2010, Myllena contou as dificuldades que teve para iniciar a carreira de musicista: “Comecei a tocar muito tarde porque Carvalhos é uma cidade muito pequena, lá não tinha escola de música, não tinha nada.” Ela aprendeu a tocar violão sozinha e, após se mudar para Juiz de Fora, começou a tocar em bares da cidade.

Em Juiz de Fora, comecei a fazer Medicina e, logo no segundo período, tinha um cara que era meu amigo, o Márcio, que gostava de música também e tocava na noite. Aí um dia ele virou e falou pra mim: “Olha, meu parceiro de música foi embora e eu não tenho coragem de entrar no palco sozinho. Você não vai comigo, não? É só pra fazer número, você não precisa cantar, tocar, nada disso. Você vai ficar lá de enfeite só me dando uma moral”. E acabou que depois desse show nunca mais larguei. Isso foi em 1999, e aí a carreira foi crescendo gradualmente na noite. (PÂNICO, RÁDIO JOVEN PAN, 2010)

Myllena se formou em Medicina pela Universidade Federal de Juiz de Fora em 2004. Neste mesmo ano, ela lançou seu primeiro CD de forma independente.

Formei em julho de 2004, trabalhei julho, agosto, setembro, outubro e novembro pra lançar o primeiro CD. Gravei o CD por conta própria, fui lá e banqueei o teatro da cidade, o Cine-Theatro Central, é o segundo maior teatro da América Latina. A gente lançou o CD lá, foi o segundo maior público da história do Central, foi o primeiro artista local a lançar CD lá. (PÂNICO, RÁDIO JOVEN PAN, 2010)

Myllena ficou nacionalmente conhecida após participar do quadro “Garagem do Faustão”, que se destinava a descobrir novos talentos independentemente de seus estilos musicais. No dia 5 de abril de 2009, ela se apresentou pela primeira vez em rede nacional no programa “Domingão do Faustão”, por causa do sucesso do vídeo da música “Quando”, que foi enviado por universitários que fizeram um videoclipe da canção.

Em 2009, dois anos após o lançamento do CD “Myllena”, eu estava prestes a gravar um videoclipe de divulgação da primeira canção autoral a ser enviada para as rádios. Na época, eu estava quase fechando com uma produtora de vídeos carioca para dar cara à minha “Quando” (...). Duas semanas antes de vir ao Rio de Janeiro assinar o contrato para o trabalho, recebi o contato de uma classe de alunos de Publicidade pedindo para gravar comigo um projeto de conclusão de curso, que seria um clipe musical. Os alunos foram tão respeitosos que topei.(...) Como aprovei o produto, os alunos e a coordenadora, Professora Flávia, enviaram ao Domingão do Faustão para um quadro que ainda estrearia: Garagem do Faustão! Foram os 90 segundos de exibição da canção no programa que levaram o produtor musical da Rede Globo, Mariosinho Rocha, a conhecer minha voz e composição. Em dez dias, fui convidada a incluir “Quando” na novela *Caras e Bocas*, assinei com a Som Livre e ainda fui convidada a me apresentar ao vivo no Domingão. (MYLLENA, em entrevista a autora em 28 de maio de 2015)

A música “Quando” foi tema da personagem que, coincidentemente, tinha o mesmo nome da intérprete: Milena, interpretada por Sheron Menezes, nutria uma paixão pelo personagem Nicholas (Nick), interpretado por Sérgio Marone. A personagem era uma moça bonita, de bom caráter e com orgulho de ser quem é. Ela tem um relacionamento complicado com Nick (Sérgio Marone), um rapaz arrogante, narcisista e vaidoso, irmão da vilã Judith (Debora Evelyn). Milena o amava, mas ele sentia vergonha dela porque era pobre, filha da empregada doméstica Dirce (Dhu Moraes) e, por isso, a desprezava. Após ela descobrir que é filha do rico Jacques (Ary Fontoura), ela se casa por vingança com Nicholas (Nick). Após vários desentendimentos e conflitos na trama, eles se acertam e terminam a trama juntos.

Em entrevista à repórter Camila Castello nos “Bastidores do Domingão do Faustão”, veiculada como conteúdo exclusivo para a internet no dia 21 de junho de 2009, Myllena respondeu sobre o processo da gravação de seu CD que, produzido de forma independente, passou por ajustes na gravadora Som Livre que, posteriormente, o lançou no mercado.

Eles fazem uma análise, eles passam por várias avaliações de várias pessoas de dentro da gravadora, e aí eles decidem o que vai ser feito a partir dali: se vai ser refeito o CD, se eles acreditam nesse trabalho. Graças a Deus, a gente deu uma sorte muito grande, porque a Som Livre acreditou no trabalho pronto, mudou pequenas coisas, só de timbre e da parte gráfica do CD. Eu tive uma alegria tão grande. Ontem

eu recebi a ligação do Léo, que é o presidente da gravadora, e ele falou: “Eu vou te dar uma boa e má notícia. A má notícia é que você não tem CD pra levar pro Faustão”. E falei, “Como assim? Eu vou lá pra lançar o CD”. Ele falou: “Mas isso a gente dá um jeito. A boa notícia é que você não tem o cd porque esgotou o primeiro lote direto e de cara, e aí uma das grandes lojas que vende CD já comprou o lote inteiro dele”. (BASTIDORES DO DOMINGÃO DO FAUSTÃO, 2009)

A artista acabou concorrendo na premiação “Melhores do Ano 2009/2010”, do Programa do Faustão, na categoria Revelação Musical. No mesmo ano, Myllena, com participação de Emmerson Nogueira, regravou “Apenas Mais Uma de Amor”, de Lulu Santos, que foi tema da novelinha *Malhação ID*, escrita por Ricardo Hofstetter.

A telenovela que sucedeu *Caras e Bocas*, intitulada *Tempos Modernos*, de autoria de Bosco Brasil, teve a canção de abertura interpretada por Myllena. “Cérebro Eletrônico” é uma música composta por Gilberto Gil em 1969. O autor propunha uma mistura de futurismo e a trama central da novela era em torno da relação homem-máquina, contando, inclusive, com personagens robôs, como Frank, e elementos como o edifício Titã e a figura fria e mecanizada da vilã Deodora, de Grazi Massafera. Mas, ainda assim, a audiência da novela foi uma das mais baixas do horário na história da emissora.

Myllena conta que recebeu o convite de Mariozinho Rocha porque Bosco Brasil, autor da telenovela, queria uma voz desconhecida para regravar a música “Cérebro Eletrônico”.

Mariozinho me disse que o autor da nova novela das sete [Bosco Brasil] tinha pedido novas vozes para regravar “Cérebro Eletrônico”, e que queria a minha dentro das possibilidades. (...) Chegando no estúdio, para meu pânico, estavam o próprio Mariozinho, o produtor musical da faixa (...) e quase todos os músicos que gravaram na sala para ouvir a gravação. Cantei a música duas vezes e, quando achei que estava começando a aquecer a voz, me disseram que já tinha acabado! (...) Saindo da sala de gravação, me disseram que eu era apenas uma das 7 pessoas que estavam na luta para conseguir a aprovação e que me ligariam se isso acontecesse (...). Três dias antes da estreia, recebi a ligação que optaram pela minha voz na abertura. (MYLLENA, em entrevista a autora em 28 de maio de 2015)

Mesmo a trama não adquirindo bons índices de audiência, a música é pedida em seus shows e faz sucesso entre o público.

A artista concilia sua carreira de cantora e musicista com a de médica, tendo se especializado em clínica geral. Na época do lançamento do segundo disco, ela ainda trabalhava como médica. Em entrevista ao programa “Pânico”, da Rádio Jovem Pan, em 27 de abril de 2010, ela contou que concilia esses dois mundos. “A música foi paixão e, medicina, meu lado racional (...). Eu já virei muito plantão de show, de chegar de show seis horas da manhã, e entrar no plantão às sete.”

Após um hiato de quase cinco anos, em novembro de 2014 Myllena lançou o terceiro álbum da carreira, intitulado como “Liberdade de ser” e contendo 12 faixas inéditas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Verificamos durante esse trabalho que a história da novela no Brasil acompanhou tanto o auge da era do rádio, quanto os primórdios da TV. Com isso, constatamos como o gênero da novela, independente do meio de comunicação, é sucesso de público e também sucesso de crítica.

No início dos anos 1960 houve uma migração da audiência do rádio para a televisão, pois o veículo TV, recebeu investimentos de grandes empresários que estruturaram a sua programação gradativamente. Mesmo com a influência do rádio, a TV criou uma linguagem própria.

Através da ampla profissionalização do meio televisivo e com o surgimento da TV Globo em 1965, que deu um novo formato para a televisão brasileira exibindo produtos nacionais, e a telenovela foi se consolidando como uma das atrações mais lucrativas da emissora, fazendo com que tudo que estivesse relacionado a ela também conquistasse grande repercussão.

E um dos elementos que compõem as novelas são as trilhas musicais. A música foi se tornando o condutor da narrativa folhetinesca e fazendo com que a escolha do repertório fosse condizente com o personagem, núcleo ou tema de abertura, envolvendo o interesse das gravadoras e da emissora carioca para o sucesso do produto.

Por causa da peridiocidade da telenovela, exibida geralmente por seis dias da semana em um horário fixo, ela acaba por cativar a fidelidade do público. Com isso, as canções, que são executadas diariamente, adquirem fácil assimilação com o enredo e rápida identificação do público com o intérprete musical.

Essa inserção fez com que cantores e bandas alcançassem sucesso nacional com as músicas, criando nos telespectadores uma memória afetiva com canções e intérpretes. Neste trabalho, foram citados vários exemplos que comprovam esse fato, como dados e depoimentos de cantores, compositores e produtores. Inúmeros exemplos desse reconhecimento nacional, após uma música ser inserida na novela, alguns citados ao longo desse trabalho e que emplacaram outras músicas de grande destaque: O cantor Guilherme Arantes que ficou nacionalmente conhecido depois da canção “Meu Mundo e Nada Mais” em *Anjo Mau* (1976), teve outras

músicas marcantes em novelas como “Amanhã” em *Dancin’ Days* (1978), “Um dia, Um Adeus”, em *Mandala* (1987), “Raça de Heróis” na telenovela *Que Rei Sou Eu?* (1989).

A cantora Déborah Blando que em 1997 entrou na novela *A Indomada*, logo em seguida, com a canção “Somente o Sol” versão da canção “I’m Not In Love”, na abertura de *Corpo Dourado* (1998); outro tema marcante foi a música “Próprias Mentiras”, em *Laços de Família* (2000).

E o conjunto Roupa Nova que surgiu há mais de 30 anos, é recordista em trilhas sonoras nas novelas da Globo com mais de 30 canções. Dentre elas: “Whisky a-go-go”, tema da novela *Um sonho a mais* (1984); “Dona” da novela *Roque Santeiro* (1985); “Coração Pirata”, *Rainha da Sucata* (1990); “Felicidade”, *Felicidade* (1991); “A Viagem”, *A Viagem* (1994).

As cantoras analisadas, Ana Carolina e Myllena, tiveram seu público ampliado reconhecimento nacional. Mesmo com os fatores em comum que elas têm, como ter começado a carreira na mesma cidade e a primeira música ter sido em uma novela das 19 horas, a trajetória das duas teve proporções diferentes.

A cantora Ana Carolina, após o lançamento do primeiro disco e a inserção de três músicas em telenovelas, ganhou prêmios e lançou CDs em intervalos de dois anos. Em todos os discos de inéditas que lançava, pelo menos uma música era inserida em alguma telenovela, em personagens principais da trama.

Mesmo após inúmeras tentativas de contato por parte da autora, a cantora Ana Carolina não quis conceder entrevista para este trabalho.

Já a cantora Myllena ficou nacionalmente conhecida no quadro “Garagem do Faustão”, do programa do apresentador Fausto Silva, devido ao vídeo da sua música “Quando”. Com o sucesso do vídeo, ela foi contratada pela Som Livre e a música entrou na novela *Caras e Bocas*, sendo tema de uma personagem de destaque.

Mesmo a cantora Myllena ainda exercendo a profissão de médica e, por isso, ter ficado quase cinco anos sem lançar nenhum disco, ela ainda é relacionada e lembrada por sua voz nas novelas, mesmo considerando que suas outras duas participações em trilhas foram regravações. Prova disso é que em sua aparição mais recente em um programa de TV, no “Todo Seu” da TV Gazeta, no dia 30 de abril de 2015; nele, para o qual Myllena foi convidada para divulgar do seu mais recente CD, “Liberdade de Ser”, a artista foi introduzida

pelo apresentador Ronnie Von como “sucesso dos folhetins globais”. Esta colocação do apresentador demonstra que, mesmo que a última canção de Myllena em novelas ter sido há cinco anos atrás, em *Tempos Modernos*, ela ainda é associada às trilhas nas novelas, comprovando como a trilha acaba por marcar o intérprete.

Evidentemente há uma disparidade no espaço dado as cantoras, mas como o estudo foi sobre a análise da carreira das cantoras a partir da primeira utilização de música em novelas e sobre as outras inserções de músicas que eram interpretadas por elas, vendo a relação com o tema, a cantora Ana Carolina tem mais a ser pesquisado, sem desmerecer a cantora Myllena, que teve menos trilhas em novelas, fato justificado porque também exerce a profissão de médica, em paralelo com a carreira de musicista.

Nos depoimentos dado pelas intérpretes vemos que a inserção das primeiras canções em novelas deram um êxito maior no começo de suas trajetórias. A cantora Ana Carolina disse que seu primeiro CD no início tinha vendido 5 mil cópias, e após a inserção da música “Garganta” em *Andando nas Nuvens*, as vendas foram superiores as 100 mil cópias. A cantora Myllena após sua música “Quando” ter entrado na trama *Caras e Bocas*, o primeiro lote do seu CD estava esgotado.

É importante ressaltar que com a chegada da internet, o consumo de músicas foi modificado, as vendas de discos diminuíram e agora é possível que artistas até então desconhecidos, através desse grande divulgador que é a internet, possam mostrar seus trabalhos, e também obter um grande reconhecimento, independente de suas canções fazerem parte de trilha sonora de novelas.

Nos últimos anos coincidindo com a chegada da internet, houve também o aumento da adesão de TV a cabo, onde emissoras de canal fechado exibem conteúdos específicos, e o telespectador tem maior variedade de escolher o que quer assistir, a audiência da televisão aberta como um todo teve uma queda, sendo o maior desafio das emissoras abertas, manter a audiência e fazer a internet não uma rival, mas sim uma aliada.

A TV Globo possui um site próprio para cada novela que está sendo exibida no momento, sendo atualizada, fazendo com que o internauta possa rever algumas cenas de personagens favoritos e disponibiliza os capítulos inteiros de suas novelas somente para assinantes.

Portanto, mesmo com a queda da audiência e a mudança no mercado fonográfico, a telenovela ainda é um produto cultural que faz parte do hábito e da vida de boa parte da população brasileira, devido ao seu grande alcance. Isso vale principalmente para as novelas

da TV Globo, que é a maior exportadora do gênero, responsável por vender tramas para mais de 100 países.

Alguns fatores que são importantes para o intérprete ter um maior reconhecimento do público são: o horário que a telenovela é exibida, se ela será tema de abertura ou de algum núcleo ou personagem, e a própria relevância desse personagem. Contudo, em maior ou menor escala, a música na novela faz tornar o intérprete conhecido, abre novas oportunidades para a carreira e faz com que, mesmo depois de determinado tempo, a canção seja relacionada ao folhetim e ao cantor ou banda.

Conclui-se, portanto, que tanto Myllena quanto Ana Carolina, conquistaram seu público, fazem shows, participam esporadicamente em programas de TV, são cantoras conhecidas nacionalmente e boa parte do sucesso e reconhecimento nacional que elas possuem, foram através das suas músicas nas trilhas das novelas.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Livia. **Sociedade do Consumo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004. 3v.
- BARCINSKI, André. **Pavões Misteriosos: 1974-1983: A explosão da música pop no Brasil**. São Paulo: Três Estrelas, 2014.
- BRANDÃO, Cristina; FERNANDES, Guilherme Moreira. Telenovela brasileira: Formato que vem se impondo há seis décadas. In: BRANDÃO, Cristina; COUTINHO, Iluska; LEAL, Paulo Roberto Figueira. **Televisão, Cinema e mídias digitais**. Florianópolis: Insular, 2012. p. 19-46.
- BRANDÃO, Cristina. **O Grande Teatro Tupi do Rio de Janeiro: O Teleteatro e suas múltiplas faces**. Juiz de Fora: UFJF, 2005.
- BRYAN, Guilherme; VILLARI, Vicente. **Teletema – A história da música popular brasileira através da teledramaturgia brasileira: Vol 1: 1964 a 1989**. São Paulo: Dash, 2014.
- CALZA, Rose. **O que é telenovela**. São Paulo: Brasiliense, 1996.
- CANCLINI, Néstor García. **Consumidores e Cidadãos**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008. 7v.
- COMO Será?. [s.i.]: Tv Globo, 2015. Son., Color.
- CULTURA, Tv. **Leci Brandão fala sobre a musica “Zé do Caroco”**. 2011. Disponível em: <<http://mais.uol.com.br/view/xiddtuwnvlqs/metropolis--leci-brandao-fala-sobre-a-musica-ze-do-caroco-04024D9A336ED0892326?types=A&>>. Acesso em: 24 abr. 2015.
- DAUROIZ, Alline. **Beto Rockfeller foi um ruído na teledramaturgia**. 2008. Disponível em: <<http://cultura.estadao.com.br/noticias/televisao,beto-rockfeller-foi-um-ruído-na-teledramaturgia,278466>>. Acesso em: 21 abr. 2015.
- DIAS, Tiago. **Produtor musical de novela passa 6 meses em busca de novidades para trilhas**. 2013. Disponível em: <<http://musica.uol.com.br/noticias/redacao/2013/12/04/com-musica-alternativa-trilha-sonora-de-novela-leva-6-meses-para-ser-feita.htm>>. Acesso em: 18 jun. 2015.
- DOCUMENTÁRIO de radionovelas. São Paulo: Faculdades Integradas Rio Branco, 2014. Son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6Jsdx8_rAFU>. Acesso em: 27 mai. 2015.
- ESPECIAL Globo 50 anos. Rio de Janeiro: Tv Globo, 2015. Son., color.
- FARIA, Paula Beatriz Domingos. **O papel da música na tv: Do auditório às telenovelas 2012**, Juiz de Fora.

FENERICK, José Adriano. **A globalização e a indústria fonográfica na década de 1990**. Artcultura, Uberlândia, v. 10, n. 16, p.123-139, jan./jun. 2008. Semestral. Disponível em: <http://www.artcultura.inhis.ufu.br/PDF16/J_Fenerick.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2015.

FIGUEIREDO, Ana Maria C. **Teledramaturgia brasileira: arte ou espetáculo?** São Paulo: Paulus, 2003.

GAZETA, Tv. **Entrevista com Ana Carolina**. 2015. Disponível em: <<http://www.tvgazeta.com.br/?videos=entrevista-com-ana-carolina>>. Acesso em: 12 jun. 2015.

GLOBO, Memória Tv. **Caras & Bocas**. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/caras-bocas/caras-bocas-mais-1.htm>>. Acesso em: 15 jun. 2015.

GLOBO, Tv. **Ana Carolina - Carona**. 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=U39gy54k5mY>>. Acesso em: 15 jun. 2015.

GLOBO, Tv. **A novela narra a nossa sociedade e o nosso interior pessoal**. 2012. Disponível em: <<http://globotv.globo.com/rede-globo/encontro-com-fatima-bernardes/v/mauro-alencara-novela-narra-a-nossa-sociedade-e-o-nosso-interior-pessoal/2197879/>>. Acesso em: 27 abr. 2015.

GLOBO, Tv. **Myllena fala sobre a carreira depois do Garagem - Bastidores Faustão**. 2009. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dWyx_PhCLyc>. Acesso em: 15 jun. 2015.

GLOBO, Tv. **Segue a Trilha: as músicas de Ana Carolina na TV**. 2009. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=v-n9WjVUuoU>>. Acesso em: 10 jun. 2015.

MELO, José Marques de. **As Telenovelas da Globo: Produção e Exportação**. São Paulo: Summus, 1988.

MENEGUEL, Yvonete Pedra; OLIVEIRA, Oseias de. **O Rádio no Brasil: Do Surgimento à Década de 1940 e a Primeira Emissora de Rádio em Guarapuava**. Universidade Estadual do Centro Oeste. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/713-4.pdf>>. Acesso em: 20 maio 2015.

MIYAZAWA, Pablo. **Livro mostra como a novela fez trilha sonora do Brasil entre anos 60 e 80**. 2014. Disponível em: <<http://musica.uol.com.br/noticias/redacao/2014/12/10/livro-disseca-as-trilhas-sonoras-de-novelas-entre-as-decadas-de-60-e-80.htm>>. Acesso em: 18 jun. 2015.

MORIN, Edgar. **Cultura de Massas no Século XX: Volume 1, Neurose**. 10. ed. São Paulo: Forense Universitária, 2011.

ORTIZ, Renato et alli. **Telenovela: história e produção**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

PAN, Joven. **Pânico Jovem Pan Myllena vencedora Garagem do Faustão**. 2010. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=PWfAJrTOYeo>>. Acesso em: 16 jun. 2015.

RAMOS, Roberto. **Grã-finos na Globo**: Cultura e merchandising nas novelas. Petrópolis: Vozes, 1987. 2ª edição.

REI, Rádio Planeta. **O ano que você nasceu**. Disponível em: <<http://www.planetaei.com.br/anoqvcnasceu.htm>>. Acesso em: 08 jun. 2015.

RIGHINI, Rafael Rosso. **A trilha sonora da telenovela brasileira**: da criação à finalização. São Paulo: Paulinas, 2004.

SANTOS, Amanda Wanderley. **Exportação de telenovelas**: A venda do know-how. 2010. 55 f. TCC (Graduação) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <https://literaturaexpandida.files.wordpress.com/2011/09/monografia_santos-amanda-wanderley.pdf>. Acesso em: 25 maio 2015.

SCHOTT, Ricardo. **Presente em duas novelas, Ana Carolina tem 22 trilhas para contar sua história**. 2013. Disponível em: <<http://odia.ig.com.br/diversao/2013-06-02/presente-em-duas-novelas-ana-carolina-tem-22-trilhas-para-contar-sua-historia.html>>. Acesso em: 07 jun. 2015.

UOL. **“Avenida Brasil”, licenciada para 130 países, é a mais exportada da Globo**. 2014. Disponível em: <<http://televisao.uol.com.br/noticias/redacao/2014/07/08/vista-por-130-paises-avenida-brasil-e-a-novela-mais-exportada-da-globo.htm>>. Acesso em: 19 jun. 2015.

VAGALUME. **Discografia Ana Carolina**. Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/ana-carolina/discografia/>>. Acesso em: 10 jun. 2015.

VIVA, Canal. **Ana Carolina em entrevista para o programa “Viva o Sucesso”**. 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=9ez9crHAIuo>>. Acesso em: 15 jun. 2015.

XAVIER, Nilson. **Globo transformou a novela no principal produto de entretenimento do Brasil**. 2015. Disponível em: <<http://televisao.uol.com.br/noticias/redacao/2015/04/09/globo-transformou-a-novela-no-principal-produto-de-entretenimento-do-brasil.htm>>. Acesso em: 27 abr. 2015.

XAVIER, Nilson. **Vale Tudo**. Disponível em: <<http://www.teledramaturgia.com.br/vale-tudo/>>. Acesso em: 26 maio 2015.

ANEXOS

ANEXO A – ENTREVISTA COM MAURO ALENCAR

Mauro Alencar é Doutor em Teledramaturgia Brasileira e Latino-Americana – USP, é integrante da Academia Internacional de Artes e Ciências da Televisão de Nova York (EMMY) e autor do livro “A Hollywood Brasileira - Panorama da Telenovela no Brasil” (laureado na Feira de Frankfurt, 2013) e da coleção Grandes Novelas. Entrevista realizada no dia 06 de maio de 2015, via internet.

1) Quais são as trilhas sonoras mais marcantes pra você? Pode citar de 3 a 5 músicas.

Para um colecionador desde 1971, quando a Som Livre lançou a primeira trilha, o LP da trilha sonora original da novela *O Cafona* - a lista de trilhas sonoras marcantes vai bem além do que você possa imaginar... Mas destaco a pioneira *O Cafona, Uma Rosa com Amor, O Bem-Amado* (composta por Vinicius de Moraes e Toquinho), *Selva de Pedra* (composta pelos irmãos Marcos e Paulo Sérgio Valle), de 1972, *Gabriela e Dancin' Days*. Ainda, por conjunto temático, vale ressaltar as trilhas das novelas *Estúpido Cupido, Nina* (nacional e internacional, com precioso registro da década de 1920); *Maria, Maria* (com destaque para *Romaria* na voz de Renato Teixeira), *A Sucessora* que trouxe belíssima gravação de *Odeon*, misturando os talentos de Ernesto Nazareth, Vinicius de Moraes e Nara Leão e a reunião de músicas apresentadas em *Cheias de Charme*. Na ala internacional, *Anjo Mau* (primeira versão), *Locomotivas* e *Dancin' Days*.

2) Por que algumas músicas marcam mais que outras?

É da característica do gênero melodrama pontuar os momentos mais emocionantes da história com melodia. No entanto, algumas músicas conseguem chegar a tal simbiose com trama e personagem que chegam a traduzir em notas musicais os sentimentos que o autor descreveu em seu roteiro. Em termos de música destaco o tema de abertura de *Os Ossos do Barão*, que sintetizava com perfeição os movimentos sociais que a novela ilustrava; “Pecado Capital”, cujos versos de Paulinho da Viola resumiam o conflito existencial de Carlão (Francisco Cuoco); “Meu Mundo e Nada Mais”, que mostrava a angústia do personagem Rodrigo (José Wilker) em *Anjo Mau*; “Retirantes”, o contundente Canto de Trabalho composto por Dorival Caymmi para o seu Cancioneiro da Bahia e magistralmente regravado

pela Orquestra e Coro Som Livre, em 1976, para o tema de abertura da *Escrava Isaura*; “O Amor e O Poder”, popularíssima na voz de Rosana, ilustrando a “deusa” Jocasta (Vera Fischer) em *Mandala*; “Você Não Vale Nada” (interpretado pelo grupo de forró Calcinha Preta), comentando o comportamento nada convencional de Norminha (Dira Paes), em *Caminho das Índias*; e os brilhantes temas de abertura de *Rainha da Sucata*, *Avenida Brasil* e *Cheias de Charme*.

3) O auge dessa relação música-novela ocorreu na década de 1970, onde compositores chegaram até a fazer músicas especialmente para a trama. Atualmente, (considerando os últimos 5 anos) em 8 novelas do horário nobre, em apenas duas novelas o tema de abertura não era uma regravação, exceto *Fina Estampa*, que era instrumental. Na sua opinião, por que não se encomendam mais músicas para novelas?

É uma dinâmica natural da indústria fonográfica. Quando as telenovelas surgiram não havia um campo específico nas gravadoras para alimentar as trilhas sonoras, logo eram necessárias as encomendas. João Araújo, pioneiro diretor da Som Livre solicitava pessoalmente aos cantores os temas de novela. Hoje já temos profissionais especializados que guiam a sua carreira em trilhas sonoras, caso de Dan Torres que regravou o tema de abertura de *Império*.

4) Até que ponto uma música ajuda na divulgação ou consolidação na carreira de um cantor/banda?

Quando há um casamento perfeito entre música e personagem, a novela serve também como um divulgador do trabalho do cantor. São inúmeros os casos de cantores que surgem para o Brasil após representarem musicalmente os personagens: Fafá de Belém e Djavan em *Gabriela*; Wando em *Pecado Capital*; Simone, com o seriado *Malu Mulher*; Marisa Monte em *O Salvador da Pátria*; Vanessa Rangel em *Por Amor*; e por fim Anna Carolina na trilha sonora de *Andando nas Nuvens*. Nesse quesito, vale ressaltar a importância da trilha sonora da novela *Coração de Estudante*, em 2002, que usou como base cantores e músicas mineiras (destaque para o tema de abertura “Maria Solidária”, cantada por Beto Guedes).

5) Dos últimos 5 anos, tem alguma banda/cantor que você considera que fez um sucesso notável por causa de sua música ter sido usada em alguma novela?

Apesar de surgida no programa “Superstar”, a banda Malta conquistou sucesso ainda maior quando a música “Diz pra Mim” foi selecionada como tema do par romântico central de *Alto Astral*.

ANEXO B – ENTREVISTA COM A CANTORA MYLLENA

Entrevista realizada no dia 28 de maio de 2015, via internet.

1) Como a música “Quando” foi parar na trilha da novela *Caras e Bocas*?

Da maneira mais improvável possível: Em 2009, dois anos após o lançamento do CD “Myllena”, eu estava prestes a gravar um videoclipe de divulgação da primeira canção autoral a ser enviada para as rádios. Na época, eu estava quase fechando com uma produtora de vídeos carioca para dar “cara” à minha “Quando”. Desde o princípio, essa era uma música polêmica. Dividida pelo fato de o produtor musical do disco, Marcelo Sussekind, não ter gostado e por ser a minha preferida das composições! Duas semanas antes de vir ao Rio de Janeiro assinar o contrato para o trabalho, recebi o contato de uma classe de alunos de Publicidade pedindo para gravar comigo um projeto de conclusão de curso que seria um clipe musical. Os alunos foram tão respeitosos que topei. Cinco dias depois estávamos captando as imagens no Cultural Bar... Minha “casa” em Juiz de Fora. Foi tudo muito rápido... Com uma edição simples e emotiva que me ganhou justo pela sinceridade e despreensão. Como aprovei o produto, os alunos e a coordenadora, Professora Flávia, enviaram ao Domingão do Faustão para um quadro que ainda estrearia: Garagem do Faustão! Foram os 90 segundos de exibição da canção no programa que levaram o produtor musical da Rede Globo, Mariozinho Rocha, a conhecer minha voz e composição. Em 10 dias, fui convidada a incluir “Quando” na novela *Caras e Bocas*, assinei com a Som Livre e ainda fui convidada a me apresentar ao vivo no Domingão! Improbabilidade acho que deve ser a especialidade dos Deuses da Música!

2) Se a música “Quando” não fosse tema de novela, você acredita que ela teria a mesma repercussão?

Acho que essa canção teve a repercussão pela inclusão na trilha, obviamente, mas também pela comoção da minha primeira ida ao Domingão e por ter sido como o público nacional me conheceu! A trilha é um GRANDE canhão de divulgação, mas, neste caso em particular, muitas coisas também se uniram nessa força de divulgação

3) Ela é muito pedida nos seus shows?

MUITO... E talvez seja a que ainda faz o público se sentir mais “abraçado” nos shows. A plateia sabe que é uma composição que ocupa espaço afetivo intenso em mim... E se apega com o mesmo carinho! Quando as pessoas começam a conhecer o trabalho de um

artista é natural que iniciem pelo que é mais “badalado”, pelo que tem o maior número de views no YouTube... Mas logo partem para entender mais sobre a verve do que move a gente, algo além dos “highlights”. Por isso, com o tempo, me surpreendi com outras mais pedidas! “Só sei te Amar”, “Não há” e até “Agora vai”, músicas que não tiveram a mesma exposição midiática... Mas que são tão pedidas quanto!

4) “Cérebro Eletrônico”, de Gilberto Gil, foi regravada por você para entrar na abertura da novela “Tempos Modernos. Como surgiu o convite? Também é pedida nos seus shows?

Depois de “Quando” ter entrado na trilha, foi a vez de “Apenas mais uma de Amor”, do Lulu Santos, entrar em Malhação... E a canção foi tão pedida que me solicitaram uma suíte (versão instrumental feita pra diferenciar e agregar a trilha). Quando fui confirmar por telefone o recebimento da faixa por parte da direção musical, Mariozinho me disse que o autor da nova novela das 7 tinha pedido novas vozes para regravar “Cérebro Eletrônico” e que queria a minha dentro das possibilidades. Vim a saber depois que este autor ouviu meu arranjo Rock de “Senhas”(Adriana Calcanhotto) e queria essa ideia pesada na voz. Sai de um show no interior do Rio tenho dormido umas duas horas apenas e vim dirigindo para a Barra da Tijuca colocar a voz. Chegando no estúdio, para meu pânico, estavam o próprio Mariozinho, o produtor musical da faixa (PH Castanheira) e quase todos os músicos que gravaram na sala para ouvir a gravação. Cantei a música duas vezes e, quando achei que estava começando a aquecer a voz, me disseram que já tinha acabado! É nessa hora que passa pela sua cabeça: ou eles amaram, o que eu duvidava... Ou odiaram, o que era mais provável! Saindo da sala de gravação me disseram que eu era apenas uma das 7 pessoas que estavam na luta para conseguir a aprovação e que me ligariam se isso acontecesse. Esperei... Esperei... Até que a divulgação de “Tempos Modernos” começou e estava sendo feita na versão da Marisa Monte (gravada no DVD Barulhinho Bom... E que eu amava). Me conformei completamente! Três dias antes da estréia... Recebi a ligação que optaram pela minha voz na abertura... E todo sofrimento de espera, angústia e até resignação se foi!

5) Você desejaria que alguma outra música sua fosse usada em novela?

Sempre é incrível pensar na inclusão em trilhas... Mas deixo por conta do destino essas oportunidades! Se pudesse escolher, talvez pediria por “ Quando você chegar” ou “Liberdade de Ser” , ambas do meu novo disco.

6) Teve alguma música de novela que te marcou?Qual?

Mais fácil seria escolher quais não marcaram!!! Sou noveleira assumida... E vejo as trilhas como uma parte dos roteiros dos personagens!!! Imagine Viúva Porcina sem ouvir “Dona” ao fundo!??? Acho lindo como a idéia da letra que diz “Tam Tam Tam batem na porta/não precisa ver quem é/ pra sentir a impaciência do teu pulso de mulher/um olhar me atira à cama/ um beijo me faz amar/ não levanto, não me escondo porque sei que és minha Dona” ser tão precisa na descrição da personagem! Essas frases quase montam o quadro imaginário Senhorzinho Malta/Porcina! Isso pra não falar de “Brasil”, de Cazuza, na voz da Gal Costa, “Per Amore”, Zizi Possi, “Palpite”, Vanessa Rangel, “Amado”, do Marcelo Jeneci e Vanessa da Mata... Enfim... Melhor parar.

7) Pra você, até que ponto a música em uma novela ajuda na carreira de um artista?

Além da divulgação óbvia, no fato primordial de que o brasileiro é totalmente afeito aos folhetins! E as músicas dos personagens com os quais o público se identifica acabam virando trilha da vida das pessoas! Quem trabalha com a carreira musical quer exatamente isso!!! Não há prêmio, divulgação ou execução que dê mais sensação de dever cumprido que ouvir de alguém: “Essa é a minha música com fulano(a)! Esse é o fundo musical de nossa história”.